

13-3-14c
Anna de Oliveira

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Setembro de 1926

N.º 21

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

A "REVISTA ESCOLAR."

QUESTÕES GERAES: 1 — As características de educação contemporânea. 2 — Os orpheões escolares. 3 — O repouso dominical.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Arithmetica. 2 — Linguagem. 3 — Geographia. 4 — Educação civica. 5 — Geometria. 6 — Historia do Brasil.

EDUCAÇÃO PHYSICA — *Jogos escolares*: 1 — Monte de saccos. 2 — Equilibristas. 3 — Cesta. 4 — Obstaculo. 5 — Zig-zag. 6 — De ponta a ponta. 7 — Levantar e trazer. 8 — Atravessar o arco. 9 — Por cima.

PEDOLOGIA: 1 — A evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — O cinematographo. 2 — Locomotivas. 3 — As trombas. 4 — O pharol. 5 — Machinas de coser. 6 — Miragem.

RESENHA PEDAGOGICA: 1 — "Tests." 2 — A educação da rua.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — O lenhador e a morte. 2 — Cantiga de chuva. 3 — Alguma do Chico! 4 — Era uma vez... 5 — Entardecer. 6 — O carroceiro, o burro e o cão. 7 — Scenarios do sul. 8 — Anchieta. 9 — O jardim da vovó. 10 — Lavrador.

ESCOTISMO: 1 — Instruções. 2 — Formaturas. 3 — Desfiles.

MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — A escola.

VULTOS E FACTOS: 1 — João Köpke.

O "FOLK-LORE" NA ESCOLA: 1 — O canção e a raposa. 2 — A raposa e o homem. 3 — Sertaneja. 4 — Lenda das amazonas.

NOTICIAS.

SECRETARIA DO INTERIOR.

INDICE.

S. PAULO - Brasil

1926

REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUCCÃO PUBLICA

ANNO II

S. PAULO - 1.º de Setembro de 1926

N.º 21

A REVISTA ESCOLAR

S. Paulo setembro — 1926.

Quando, na presento, nos referimos á actual reforma do ensino em S. Paulo, affirmámos que, dentre as medidas por ella estabelecidas, uma das melhores foi a instituição dum corpo de inspectores especializados, para que a cultura physica, o desenho, a musica e os trabalhos manuaes, seguindo uma directriz compativel com a importancia que representam na educação, realizassem com toda inteireza o seu objectivo. Para robustecer a nossa affirmativa e ao mesmo tempo comprovar a excellencia da reforma, dissemos ainda sêr bastante uma analyse succinta do valor educativo daquellas disciplinas — analyse que iniciámos tratando da CULTURA PHYSICA.

Com equal proposito nos occuparemos hoje do DESENHO, tão acertadamente collocado entre as disciplinas especializadas, de modo a não figurar como elemento meramente decorativo do ensino, sinão como um dos maiores factores de desenvolvimento intellectual. Assim procedendo, nova oportunidade se nos offerece para apreciar a utilidade da reforma que, fugindo á distribuição arbitraria das materias de ensino pelos diversos cursos, soube traçar as



nórmãs segundo as quaes ellas devem sêr desenvolvidas em proveito real da educação infantil.

Considerado o DESENHO como educador não só da vista e da mão, mas, principalmente, da intelligencia, a remodelação do seu ensinamento representa um grande surto em favor da escola popular, pelo que a medida acima referida não póde deixar de merecer justos applausos. E, como confirmação, attentemos um momento no extraordinario influxo dessa disciplina sobre a actividade e aperfeiçoamento das forças intellectivas: cultiva a ATENÇÃO e a PERCEPÇÃO, pelo cuidado na imitação dos modelos; a MEMORIA e a REFLEXÃO, pela recordação do objecto que deva sêr executado mediante apenas uma observação prévia; a COMPARAÇÃO, pela expressão da perspectiva; a IMAGINAÇÃO e a INVENTIVA, pelas modificações espontaneas num determinado assumpto...

Tudo isto se obtem na aprendizagem do DESENHO, bem entendido, do DESENHO EDUCATIVO, isto é, daquelle que, afastando-se dos processos puramente geometricos, leva a criança a representar os objectos tal como os apanham, tal como elles lhe falam á alma e respeita-lhe a preocupação de traçal-os em seu todo, em seu conjunto.

Em toda a arte, como em toda a sciencia, os elementos e os principios têm sempre algo de seco. Eis mais uma razão a favor da espontaneidade natural do alumno e contra o systema obsoleto que, partindo do traçado de rectas, curvas e compostas, não responde ao caracter do espirito infantil, pois este se compraz em reproduzir os objectos de vulto, as coisas attraentes pelas suas fórmãs agradaveis, pelas suas côres vivas e pelas sympathias que lhe inspiram; não responde tampouco ás indicações da natureza quando apresenta á criança as coisas em sua integridade.

Tolstoi, combatendo a rotina, tratava sempre de observar no DESENHO as fórmãs naturaes, dando a seus discipulos flôres, folhas, animaes, objectos familiares etc., etc. Tambem Leonardo da Vinci era de parecer que se iniciasse

o DESENHO pelas fôrmas de mais character e belleza, consequentemente, fôrmas artisticas e não geometricas.

O DESENHO assim concebido vem dar aos olhos e ás mãos aptidões para bem exprimir certos pensamentos; torna-se, além d'isto, um poderoso auxiliar da intuição.

Si ainda considerarmos, como Rousseau, que o fim do DESENHO não é fazer do alumno um artista, mas dar-lhe por mestre a natureza e por modelo os objectos, a escola moderna não deve se preoccupar com os bellos desenhos e sim applical-os ao desenvolvimento das faculdades da criança.

E' justamente sob este aspecto que está sendo observado em nossas escolas o ensino do DESENHO, cuja remodelação introduzida pela recente refôrma vem evidenciar os beneficios que desta hão de advir para a educação da nossa infancia escolar.





QUESTÕES GERAES

AS CARACTERÍSTICAS DE EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

(Respeitada a orthographia do autor.)

Do bem e do mal que andam pelos caminhos da vida são em boa parte responsáveis aquêles que se consagram com a alma ou sem ela á obra da educação. E' dêles que depende, não direi todo, mas uma parcela considerável do destino humano. E não digo todo, porque o homem não é filho sómente da escola — e felizmente.

Numerosas e variadíssimas são as influências que o formam através da existência. Ha a herança que é a escola da espécie, ha a família que é a escola dos pais, ha o ambiente social que é a escola da comunidade, e ha a maior de todas as escolas, a vida, com todos os seus imponderáveis e forças inculáveis.

Dito isto, salta aos olhos que o educador não pode fazer tudo.

A sua acção é função dum certo número de factores que convém destacar.

E' função do homem que leva em si, da sua formação moral e intelectual, da sua maneira de ser orgânica e espirital, da sua preparação profissional.

E' função do educando, da sua natureza bio-psiquica, da sua personalidade — factor considerável e primacial de importância e consequências inculáveis. A história do homem é em si mesmo que começa em grande parte.

E' função dos ambientes familiar e colectivo, da sua composição e natureza, do seu estado de cultura.

E' função dos métodos e processos de educação e de ensino, da organização material e espiritual da escola.

E' função do ideal educativo que se visa, dos fins elevados que importa alcançar.

Indicar estes factores é indicar em que consiste a pedagogia que pode ser definida a ciência e a arte que tem por objecto a educação do indivíduo em harmonia com um ideal determinado e pelos meios mais adequados á natureza dêsse indivíduo e á natureza dêsse ideal.

Procuramos determinar agora algumas das características da pedagogia contemporânea.

Queremos referir-nos áquelas que resaltam com mais brilho das obras notáveis dalguns homens de pensamento e de acção dos nossos tempos: Cecil Redie e Lietz, Binet e Meumann, Stanley Hall e King, sobretudo John Dewey e Kerschensteiner.

A pedagogia contemporânea tem um caracter e um espirito nítidamente *científico*.

Por um lado chama em seu auxílio toda uma série de sciências, como a biologia, a moral, a arte, etc., cujas aquisições e métodos lhe servem para melhor estudar, compreender, interpretar os factos e os problemas pedagógicos.

Por outro lado trata os problemas e processos pedagógicos com um critério próprio, como factos naturais e positivos. A pedagogia é uma ciência autónoma, com um campo definido, com métodos de descrição e explicação que são seus, embora recorra ás outras sciências que a auxiliam na sua missão.

A pedagogia entrou na fase do método científico, libertando-se do empirismo.

A pedagogia utiliza não um mas todos os métodos das sciências positivas: a introspecção, a extrospecção, a observação e a experiência, o método genético e o patológico, o comparativo e os inquéritos, os métodos quantitativos e os qualitativos. De modo que, quando se fala de pedagogia experimental, "não se trata no fundo duma subdivisão autónoma da pedagogia, mas

simplesmente dum método especial, entre outros, de resolver os problemas pedagógicos." O que quer dizer igualmente que nem toda a pedagogia, ao contrário do que pensam Lay e Meumann, é experimental.

Outro cunho da pedagogia contemporânea consiste no seu caracter *dinâmico*. Para a pedagogia contemporânea, educar consiste em fornecer aos "ressorts" interiores a ocasião e o meio de realizarem-se, em despertar e dirigir todas as actividades do educando, em pôr em acção todas as suas faculdades.

E' por isso que se diz e com razão que o meio educativo deve ser uma função da vida, entendendo-se esta expressão num duplo sentido: a escola não sómente deve preparar o educando para ser homem, cultivando nele as qualidades e as aptidões para exercer mais tarde a sua profissão de homem, que é de todas as profissões a maior e mais bela, mas também um meio vivo onde possa viver igualmente a sua vida própria, a sua vida de creança ou de adolescente.

Outra característica da pedagogia contemporânea consiste na sua acção *genética*: o educando deve elevar-se interiormente e não ser modelado exteriormente, deve instruir-se e não ser enchido de conhecimentos.

Já um dia um educador inglês, Holmes, verberou sob o nome de tragédia da educação a aplicação sistemática da pressão dogmática que pretende forçar a ver, a falar, a agir e admirar segundo um processo imposto exteriormente. A pedagogia contemporânea substitui o mecanismo pela vida. Para chegar a esse resultado toma em conta os interêsses do educando. Mas como esses interêsses são móveis e transitórios, como êles evolucionam, em vez de fixá-los, cultivando-os sob a forma em que se apresentam, o que seria paralisar o seu desenvolvimento, considera êsses interesses como sintomas que revelam necessidades mais profundas, como funções novas que desejam surgir, cuja eclosão o educador deve favorecer colocando o educando nas circumstancias mais favoráveis.

Para conhecer estas necessidades importa interpretar os interêsses como sintomas gerais duma actividade mais profunda que procura abrir caminho para a luz e para a vida.

A pedagogia contemporânea tem além disso um carácter *funcional*, quer dizer, considera os processos mentais como instrumentos destinados a manter e a aperfeiçoar a vida, como funções vitais e não como processos em si mesmos. Em outros termos, cultiva a inteligência pela inteligência, a atenção pela atenção, a vontade pela vontade, mas a inteligência, a atenção, a vontade pela vida, como meios de utilizar a vida, de satisfazer as suas múltiplas necessidades materiais e espirituais. Não se trata dum pragmatismo rígido e unilateral, mas dum pragmatismo que afirma que toda a inteligência e todo o saber devem conduzir á acção. É um pragmatismo que não nega o valor e a necessidade de cultura dos processos mentais mas que os subordina á vida, que não proscree a teoria mas faz preceder esta prática, é um pragmatismo que restaura o valor e a importância da intuição e do saber activo, do instinto e das aptidões naturais, ao lado das forças intellectuais.

A pedagogia funcional considera que o educando deve ser levado ao trabalho e á acção por meios naturais que a vida suscita quando o trabalho e a acção convêm ás suas necessidades; que por conseguinte "para fazer agir o educando é preciso colocá-lo em condições próprias e fazer nascer a necessidade que a acção que se deseja suscitar tem por fim satisfazer." Programas e métodos de educação e ensino devem pois basear-se sôbre as inclinações naturais, sôbre a mentalidade e as necessidades psicológicas dos educandos.

A pedagogia contemporânea tem ainda outro carácter fundamental. É *social*, sob vários pontos de vista: a) porque é um instrumento de conservação e aperfeiçoamento da civilização; b) porque, sendo o indivíduo um membro da sociedade, ela tem que prepará-lo para desempenhar uma função útil na colectividade; c) porque põe em actividade as tendências sociais do indivíduo, pretende fazer da escola um meio social, onde a disciplina e o trabalho se fundem sôbre a colaboração, a ajuda e a actividade mútuas e comuns. É por isso que a pedagogia científica considera os programas e as matérias de estudo, os trabalhos manuais, aos quais atribui uma importância considerável, como ocasiões de vida prática e social. A pedagogia

contemporânea pretende substituir a escola livresca pela escola de trabalho productivo em proveito da colectividade.

Mas, se a pedagogia contemporânea considera a educação como um processo de valorização social do indivíduo, por outro lado tem ainda outro carácter, é *diferencial*, quer dizer, funda a sua acção sobre as inclinações e as aptidões particulares dos indivíduos, pretende desenvolvê-los no sentido das suas virtualidades características, adaptar-se ás suas necessidades profundas e fundamentais. Daí a tendência para individualizar os métodos e processos de ensino, os horários, os programas, o agrupamento dos alumnos e suas promoções escolares a disciplina, etc. Convém não confundir educação individual e educação individualizada. A educação individualizada, ao contrário da individual, implica a existencia dum meio colectivo. Individualizar quer dizer adaptar a educação á maneira de ser do indivíduo, tomar em conta as suas peculiaridades e diferenças características, mas a sua acção deve exercer-se dentro dum ambiente social. A educação individual é um êrro profundo, não só porque não compreende que os factores sociais são duma importância fundamental na formação e desenvolvimento do educando, mas ainda porque não realiza uma das formas do ideal educativo, que é preparar o indivíduo para a vida colectiva.

Falamos de aptidões diferenciais dos individuos e da tendência da pedagogia contemporânea para estimulá-las, cultivá-las e orientá-las.

Mas isso não significa educação unilateral. A pedagogia contemporânea atribui á cultura integral do individuo uma importância fundamental. A educação tende á formação do homem completo na sua expressão mais alta e mais humana, que compreende o homem fisico, o homem intelectual e moral, o homem social e o homem profissional. Mas, para realizar êsse ideal, a pedagogia contemporânea entende e com razão que a formação da personalidade deve assentar na cultura das aptidões características do educando, sem descuidar as outras forças materiais e espirituais, sem desprezar nenhuma faculdade ou possibilidade. Não há contradição pois entre uma pedagogia diferencial e uma pedagogia integral.

Para terminar convém dizer ainda que a pedagogia contemporânea se inspira num elevado *ideal filosófico* de cultura individual e social.

Ela procura criar as circunstâncias mais favoráveis para que floresça o germen que levamos em nós duma vida mais verdadeira, mais pura e mais bela. A educação contemporânea tem como culto o ideal científico da verdade, o ideal moral do dever da justiça e da bondade, o ideal estético da beleza, ideais mútuamente entrelaçados de modo tal que um não pode ser perseguido sem que os outros o sejam também, se o homem quizer ser um homem completo, dos pés á cabeça. A educação não pode nem deve apoiar-se num só desses ideais, mas em todos, porque seria mutilar-se, reduzir-se e apoucar-se, se se encerrasse numa só das correntes profundas da vida. E digo correntes para significar por um lado o carácter de elaboração contínua desses ideais, de perfectibilidade incessante, e por outro lado a necessidade de não sacrificar a formas transitórias e variáveis os fins superiores para os quais êles caminham.

E' um dever fundamental para um educador ter sempre presente ao seu espirito o ideal que deve perseguir a educação.

Porque a vida não tem sentido nem valor profundo se não estiver impregnada dum alto ideal pessoal que consistirá em elevar-se sobre si mesmo, em triunfar dos instintos inferiores, em sujeitar-se á dura disciplina do dever e da verdade, em procurar a beleza dum alto ideal social que consistirá em irradiar para os outros, em ser-lhes útil e fraternal e em dar-lhes com o próprio coração a justiça a que tem direito.

Tais são nas suas grandes linhas as características da pedagogia contemporânea guiada pela ciência e iluminada pela moral e pela arte.

E' por isso que a obra educativa não é só uma obra de ciência e de acção, mas também uma obra de philosophia e de poesia incessante.

FARIA DE VASCONCELLOS.

Anna de Oliveira

OS ORPHEÕES ESCOLARES

Não é inoportuno dizer algo sobre o grande valor do ensino de musica vocal de character synthetico — nos estabelecimentos publicos de instrucção. E isso ha muito foi compreendido pelos grandes povos cultos, que, incluindo o ensino da musica em suas escolas, conseguem a cultura do bom gosto e da disciplina mental em todas as camadas da sociedade.

No Brasil alguma coisa de bom já está feita neste sentido; e por signal, com resultados notaveis, sob o ponto de vista da pedagogia musical, mas não, quanto ao desenvolvimento da cultura geral da musica. A falta de audições publicas gratuitas e periodicas impede que o grande publico tome a sua parte de prazer espirital, e portanto, de boa e sã cultura musical.

A musica não deve sêr encarada como simples passatempo ou prenda de menina mais ou menos habilidosa; a sua missão é mais séria, mais amplo o seu campo de utilidade; a par das outras artes chamadas plasticas, deve acompanhar a vida dos povos, embellezando-a, espiritalizando-a, para a tornar mais ductil ás emoções superiores, que fazem o homem bom e util á communitade.

Não ha negar o desenvolvimento colossal da musica de canto em todos os paizes do norte da Europa, em absoluta superioridade sobre os paizes latinos. E' da Allemanha, Suecia, Noruega, Hollanda e Russia, que nos vêm esses maravilhosos coraes, oratorios, hymnos sacros e patrioticos, e esses afamados "lieder" ou canções. A musica ahi nesses paizes de bruma e de sonho, vem de cima para baixo, da elite para o povo.

São os seus musicos celebres inspirando-se nos grandes poetas lyricos nacionaes, que compõem a musica nacional popular, bem para o povo, e que esse povo decora e canta nas suas festas familiares, sacras e patrioticas.

Nos povos latinos o caso é inverso: a musica popular vae de baixo para cima, ascende do povo para a elite. E' o povo que a compõe e a elite apropria-se dos motivos para compôr os

“folks-lores,” modinhas e dansas, nem sempre do melhor bom gosto.

Do que expomos, resulta que a musica popular do povo do norte da Europa é nacionalmente subjectiva, introspectiva, intima, dando-nos as aspirações, quasi os destinos dum povo; quando a dos povos latinos, artisticamente valiosa como documento primitivo, e, ainda que bella, é toda objectiva, toda exterior, sempre sentimental, mas visando mais os sentidos que o espirito.

Os povos do norte da Europa ha muito possuem a canção nacional popular — o “*lied*,” enquanto que os povos latinos pararam nos lindos cantares anonymos, sem consistencia ethnica e de character archaico. E’ por falta de espirito creador nos compositores latinos? Não, porque o movimento é intenso na composição de musica para canto, de character elevado; mesmo entre nós. O que nos falta é cultura geral musical e a sua competente diffusão no grande publico.

O Brasil conta um nucleo importante de compositores de talento, com interessantissimas musicas para canto, quasi inéditas, por falta duma divulgação methodica. São entre outros: Paulo Florence, A. Levy, Nepomuceno, Araujo Vianna (quasi desconhecido) Otero, Oswald, Francisco Braga, Glauco Velasco, João Gomes, Villas-Lobos, Julião, Carlos de Campos, Assis Republicano, Minguez, Octaviano Gonçalves, Barroso Netto, além de outros já esquecidos nos archivios passadistas. A maioria das composições desses autores são de character nacional e na feição dos “*lieder*” ou canções eruditas.

A acertada medida do actual governo, creando a inspectoría especializada de musica e incluindo nos programmas das nossas escolas o ensino de solfejo e musica coral, vem em boa parte corroborar para a propaganda da musica séria e de character nacional. Os bons resultados que vão sendo obtidos, — mercê da competencia e dedicação dos actuaes mentores do ensino musical, entre os quaes é de justiça que se destaque o prof. João Gomes Junior — está bem patente. E’ de se esperar, pois, que

da capacidade constructiva destes e da dedicação e boa vontade de todos, se consiga o maximo de amplitude á divulgação da boa musica e, muito particularmente, da boa musica dos nossos compositores.

SILVA MONTEIRO.

O REPOUSO DOMINICAL

Quantas crianças conhecemos, que aos domingos em vez de passarem o tempo entregues aos folguedos proprios de sua idade, nos jardins, nos parques, ficam em casa debruçadas sobre livros e cadernos, preparando as tarefas do dia seguinte, porque assim determinaram professores exigentes e ignorantes do grande mal que praticam!

O repouso dominical é necessario para a saúde do corpo. E' preconizado por summidades no dominio da hygiene, como os medicos Niendyer, Xangler e Sonderegger, que se basearam em experiencias physiologicas e em dados estatisticos para demonstrar a necessidade do repouso dominical ao corpo humano.

No parlamento inglez, não hoje, mas ha vinte annos, um medico, Farre, estabeleceu o seguinte principio que foi immediatamente apoiado por vinte e cinco dos mais afamados facultativos da America do Norte: "Considero o domingo como um dia de repouso indispensavel para renovar e substituir as forças do corpo, que uma vez perdidas não tornam mais. E' verdade que o repouso nocturno refaz as forças perdidas durante o dia, mas só em parte. Um dia de repouso depois de seis de trabalho, é uma exigencia real da natureza do homem, e não um capricho. O organismo humano requer que em sete dias lhe seja concedido um, para descansar do *trabalho corporal e intellectual*."

O trabalho continuado, portanto o trabalho do domingo, prejudica a elasticidade do corpo, destróe com as forças vitais a propria faculdade do trabalho e diminúe, embora indirectamente, a extensão da existencia. O repouso dominical já existia

entre o povo hebreu, promulgado em nome de Deus pelo grande legislador Moysés.

A França revolucionaria estabeleceu o repouso de dez dias — a decada. Mas, após dois annos de existencia, o seu máo effeito começou a se manifestar claramente, sendo a decada supprimida pela lei de 5 de agosto de 1799, por Napoleão I. Numerosas outras experiencias e estudos podem sêr citados.

Mayer, Neofoidle e Kolb, servindo-se de quadros officiaes, demonstraram quanto é menor a mortandade entre os judeus, que observam estrictamente a guarda do sabbado, e os povos que vivendo ao lado delles, não observam o repouso semanal.

E' um erro grave, portanto, que pratica todo o professor sobrecarregando seus alumnos, aos sabbados, de tarefas, para prepararem-n-as durante os domingos, exigindo que lh'as devolvam promptas ás segundas-feiras.

Além de erro grave, mostra o educador que assim procede, desconhecer os principios mais comesinhos de hygiene, sacrificando a infancia que será a mocidade do futuro. Si doente se torna a criança, enferma crescerá, doentia será a sua mocidade, e infeliz a patria que em seu seio abriga um povo de anormaes, rachiticos e enfermigos!

Abaixo, pois, as tarefas dominicaes.

Felizmente, ellas não são adoptadas pelos professores de nossas escolas publicas, mas é necessario que digamos — esse nefasto regimen é seguido nalguns collegios, externatos e escolas particulares.

Educadores paulistas! Vós, que sois formadores de caracteres, zelae tambem pela saúde das crianças, aconselhando-as que empreguem os domingos em passeios e distracções uteis, que se não preocupem com trabalhos corpóraes e nem intellectuaes.

Nenhum exercicio deve sêr tão difficil que desalente os esforços, nem tão facil que os inutilize.



LIÇÕES PRATICAS

ARITHMETICA

METHODO DA UNIDADE

Analysar um problema é estudar e enunciar os factos que elle encerra.

Si os factos são compreendidos, facilmente far-se-á, a analyse.

Muito cuidado deve haver para que esta analyse, ou methodo da unidade, não se torne mecanica, e para que haja liberdade de expressão.

Um problema bem analysado e estudado pela classe, vale mais que muitos problemas cujas difficuldades tenham sido ligeiramente observadas.

Alumna. — (Guardando o *crochet*.) — Hoje faz quatro dias que estou trabalhando neste *crochet*, e acabei apenas dois bicos! Quando acabarei tudo?

Professora. — Você parece que está desanimada, Julia?!

A. — Si eu soubesse quando acabaria, teria mais coragem!

P. — Então, crie coragem, porque já vamos saber. Quantos bicos são ao todo?

A. — Nove bicos.

P. — Si você ja fez *dois bicos*, que parte do trabalho todo está prompta?

A. — Não sei, não, senhora.

A. — Eu sei. O trabalho todo são *nove nonos*. Você tem promptos *dois nonos*, Julia.

P. — Si você fez $\frac{2}{9}$ do trabalho em 4 dias, em quanto tempo fez $\frac{1}{9}$?

A. — Na metade do tempo.

A. — Na metade dos 4 *dias*.

A. — Em 2 *dias*.

P. — Então, em 2 *dias*, você fez $1/9$ do *crochet* todo, não é?

A. — E', sim, senhora.

P. — O *crochet* todo *quantos bicos, quantos nonos* tem?

A. — Tem $9/9$.

P. — Você sabendo em quanto tempo fez $1/9$, com facilidade saberá em quanto tempo fará os $9/9$.

A. — Os $9/9$ levarão 9×2 dias, ou 18 *dias*. . . Que bom! Dezoito dias! Não é muito tempo!

A. — Essa conta, eu penso que pôde sêr feita doutro modo mais facil, professora.

P. — Sim?! . . . Vejamos, então.

A. — Não sei si dá certa, mas quero experimentar.

P. — Gosto muito de vêr a sua boa vontade! Experimente.

A. — Si em 4 *dias* Julia fez 2 *bicos*, em 1 *dia* ella fez $1/4$ de 2 *bicos*.

P. — Porque $1/4$?

A. — Porque 1 dia é $1/4$ de 4 *dias*.

P. — E quanto é $1/4$ de 2 *bicos*, ou, por outra: $1/4$ dum bico + $1/4$ de outro bico, quanto vêm a sêr?

A. — (Escrevendo.) $1/4 + 1/4 = 2/4 = 1/2$. Meio bico.

P. — *Metade de um bico* é o trabalho de *um dia*. . . Muito bem! Continúe.

A. — Então, para fazer 1 *bico* são precisos 2 *dias*, e para fazer os 9 *bicos* serão precisos 9×2 dias = 18 dias.

A. — Deu a mesma coisa.

A. — Até com o *crochet* a gente pôde fazer problemas!



— Sim; faz muito bem. O poeta amava em extremo a mocidade de quem era idolo. E porque a queria tanto, tinha o condão de lhe falar á alma.

— Que livros escreveu, quer você saber, Paulo?

— Muitos, alguns dos quaes vocês ainda não estão na idade de entender. Outros, como *Através do Brasil*, *Contos Patrios*, *Patria Brasileira*, *Poesias Infantis*, *Livro de Leitura*, *Theatro Infantil* etc., foram escritos especialmente para vocês, crianças deste Brasil, que elle tanto amou, tanto glorificou.

— E' verdade o que você diz, Jorge: S. Paulo levantou-lhe uma estatua.

— Renato sente que elle tivesse morrido tão moço? Então, diga isso na sua biographia, que você vae agora escrever.

— Vocês não podem se lembrar "de tudo o que elle foi?" Eu escreverei no quadro-negro, uma especie de summario, para vocês se guiarem.

— Naturalmente, Raul: a data do nascimento vem antes do fallecimento. Eis o summario:

Data e logar do nascimento. — *Estudos.* — *Profissão.* — *Serviços prestados.* — *Livros.* — *Fallecimento.* — *Homenagens.*

— Esses são os *factos* principaes a respeito dos quaes cada um de vocês emprestará o cunho da sua propria originalidade, nunca se afastando da verdade.

GEOGRAPHIA

LOCALIZAÇÃO DO BRASIL E DEMAIS PAIZES DA AMERICA DO SUL
SUAS CAPITAES E DUAS OU TRES CIDADES PRINCIPAES

E' muito interessante o estudo desta parte do programma, ensinando o professor aos alumnos, por meio de viagens imaginarias, o rapido desenvolvimento dos paizes sul-americanos, de suas capitales e a localização pitoresca dalgumas cidades andinas etc.

Professor. — Vocês querem fazer hoje mais uma viagem?
Alumnos. — Queremos, sim, senhor.

P. — Vamos então imaginar que estamos voando num dirigível sobre o vasto território sul-americano.

A. — Vamos voar, como outro dia, sobre o Brasil, não é professor?

P. — Sim, meu pequeno. Vejam-n-o, representado neste mappa. Este admirável paiz, tão novo, tão progressista e tão vasto, o maior e mais importante da America do Sul, limita-se... quem poderá me dizer?

A. — O Brasil limita-se com quasi todos os paizes da America do Sul.

P. — Menos com que paizes? Olhem o mappa.

A. — Menos com o Chile e o Equador.

P. — Sabem que bella cidade é aquella, banhada por aquelle mar bellissimo?

A. — E' o Rio de Janeiro, capital do Brasil.

P. — Muito bem. Caminhemos para o sul. Além do Rio de Janeiro que é a capital do nosso paiz, ha no Brasil algumas cidades importantes, que não poderemos visitar, por falta de tempo, mas que as mostrarei aqui no mappa. São ellas... vão lendo seus nomes e observando bem a situação de cada uma.

A. — *S. Paulo, Santos, Bello Horizonte, Recife, S. Salvador, Porto Alegre...*

P. — E muitas outras menores.

A. — Por onde iremos agora?

P. — Vamos bem para o sul, para a *Republica Oriental do Uruguay*, paiz muito amigo do Brasil e que já fez parte de seu território com o nome de *Provincia Cisplatina*, libertando-se em 1828. Tem por capital a cidade de... podem lêr aqui o seu nome.

A. — *Montevidéo.*

P. — Sim. E por cidades principaes... Vejam e digam.

A. — *Colonia do Sacramento, Paysandú, Maldonado, Salto...*

P. — E' bastante. Sabem o nome daquelle estuario sobre o qual estamos voando? Fale você, Alberto.

A. — Chama-se *Estuario do Prata.*

P. — Sim. Agora estamos voando sobre...

A. — A *Republica Argentina*.

P. — E' um paiz importante e tem por capital uma grande cidade, que se chama... quem quer dizer?

A. — *Buenos Aires*.

P. — Perfeitamente. As suas cidades principaes são... quem quer falar?

A. — *La Plata, Corrientes, Santa Fé, Cordova, Tucuman*...

P. — Deixemos de lado a *Patagonia*, logar frio, esteril, quasi deserto, que fórma a parte meridional da America, e continuemos a nossa viagem.

A. — Que lindas montanhas!

P. — São ellas que formam a cordilheira... quem sabe?

A. — *Cordilheira dos Andes*.

P. — Sim, que já estudámos. Estamos agora voando sobre

o...

A. — *Chile*.

P. — Grande amigo do Brasil; sua capital é...

A. — *Santiago*.

P. — E tem por cidades principaes... vejam aqui no mappa.

A. — *Valparaizo, Valdivia, Conceição, Serena*...

P. — E' bastante. Façamos agora um vôo largo sobre o norte da Argentina, indo passar sobre um paiz que já esteve em guerra com o Brasil. Quem sabe seu nome? Fale, Orlando.

A. — *O Paraguay*.

P. — Sim. Já estamos sobre seu territorio. A sua capital é...

A. — *Assumpção*.

P. — E as suas cidades principaes são: *Villa Rica, Conceição e Humaytá*, praça fortissima, que foi tomada em 1868 pelas forças brasileiras. Deixemos o Paraguay.

A. — Que paiz iremos agora percorrer?

P. — Vamos voar sobre a *Bolivia*, que tem por capital a cidade de *Sucre* e por localidades principaes: *La Paz, Oruro, Potosi* e outras menos importantes.

A. — Pelo mappa, estou vendo que da *Bolivia* passaremos ao *Perú*, não é, professor?

P. — Perfeitamente, meu amiguinho, E' um paiz riquissimo em mineraes e pedras preciosas. A sua capital é... vejam aqui no mappa...

A. — *Lima*.

P. — E as suas cidades principaes são...

A. — *Cuzco, Calláo, Puno*...

P. — Muito bem. Vamos agora passar pelo segundo paiz que não se confina com o Brasil e que se chama...

A. — *Equador*.

P. — Sim. A sua capital é *Quito* e as suas cidades principaes são: *Guayaquil, Cuenca, Loja* etc.

A. — Estamos agora na *Colombia*, não é professor?

P. — Sim. A capital deste paiz chama-se...

A. — *Bogotá*.

P. — Vejamos agora algumas cidades principaes. Aqui estão; leiam.

A. — *Santa Martha, Cartagena, Pasto, S. Boaventura*...

P. — E' bastante. Passemos para o territorio da *Venezuela*. A sua capital é *Caracas*. Tem algumas cidades importantes, taes como: *La Guayra, Bolivar, Valencia, Barcelona, Maracaibo* etc.

A. — Pelo mappa, eu vejo que ao norte do Brasil, ficam as *Guyanas*, não é assim, professor?

P. — Perfeitamente. Você é um menino diligente... As *Guyanas* são em numero de quantas? Quantas vêem no mappa?

A. — Tres.

P. — Digam os nomes dellas.

A. — *Franceza, Hollandeza e Ingleza*.

P. — Muito bem! São suas capitaes, respectivamente, as cidades de *Cayenna, Paramaribo e Georgetown!*

A. — Estamos outra vez no Brasil, não?

P. — Sim. Eis-nos de novo sobre o solo immenso de nossa terra. Voltemos para o sul, em direcção de S. Paulo. Eis-nos chegados.



EDUCAÇÃO CIVICA

GOVERNO E SUAS FÓRMAS

“A necessidade de governo e autoridade no estado decorre da compreensão de sua necessidade na casa, na escola e no municipio.”

— Quem dirige o nosso Grupo, João?

— Sim, é o director. Muito bem!

— E esta classe, Luiz?

— Justamente: o professor.

— E em sua casa, Manoel, quem manda, quem *governa*?

— Certamente: é seu papae.

— Nas fabricas, nas casas commerciaes, nos clubes, nas sociedades, ha ou não uma pessoa que tudo dirige? Fale, você, Joaquim.

— Isso mesmo: ha um *chefe*, que tudo governa, orientando o movimento dos negocios que estão sob a sua direcção.

Então, para que em todos os ramos de trabalho, nas casas particulares, commerciaes, industriaes, nos clubes, associações etc., etc., haja ordem e tambem progresso, precisa um . . . quem sabe? Fale, você Jorge.

— Muito bem! Precisa haver um *governo*. Ora, si as escolas, as fabricas etc. precisam ter um governo, um estado, uma nação, um povo, enfim, precisa tambem, para bem viver e progredir, ter um . . . fale, José.

— Certo: um *governo*.

— Quem governa actualmente o Brasil, Pedro?

— Muito bem: é o Ex.^{mo} Sr. Dr. Arthur Bernardes. Elle é então o . . .

— Exactamente: é o presidente da Republica.

— Antes, porém, de sêr republica, o Brasil foi . . . quem sabe?

— ? . . .

— Ora, vocês já deviam saber isso, pois já lhes ensinei em aulas de Historia . . .

— Ah!... lembrou-se agora, Luiz? Muito bem: foi monarchia... De modo que vocês conhecem duas fórmulas de governo, que são... fale você agora, Mario.

— Perfeitamente; *republica* e *monarchia*.

— Qual a diferença que ha entre uma e outra fórmula? Quem quer dizer?

— ?...

— Ninguém? Prestem muita atenção. A monarchia é a fórmula de governo em que o soberano (rei ou imperador) é vitalício e hereditario, isto é, exerce o cargo enquanto vive, transmittindo-o, além disso, aos seus descendentes. A republica é, ao contrario da monarchia, a fórmula de governo em que o chefe da nação (presidente da republica) é eleito pelo povo para servir apenas durante determinado prazo.

Na proxima lição continuaremos este estudo.

GEOMETRIA

COMPARAÇÃO ENTRE OS VOLUMES DO CONE, DO CYLINDRO E DA ESPHERA

Todo o exercicio de investigação e de esforço pessoal, além do grande valor educativo que encerra, serve ainda para fixar na mente o que se aprendeu.

(Sobre a mesa um funil, uma esphera e um cylindro ôcos, e uma medida de litro.)

Alumno. — Parece que vamos brincar de venda. Estou vendo, ali na mesa, uma medida.

Professor. — Que fórmulas têm esses objectos?

A. — (Mostrando.) Este tem a fórmula conica, é um *cone*; este tem a fórmula espherica, é uma *esphera*; e este tem a fórmula cylindrica, é um *cylindro*.

P. — Como são as suas bases?

A. — Esse cone e esse cylindro têm bases eguaes.

A. — A esphera não têm base.

A. — Mas tem diametro igual ao das bases dos outros dois.

P. — E a altura?



A. — Os tres objectos têm a mesma altura.

P. — (Dando ao alumno uma medida de um litro:) Aqui está, Carlos, uma medida. De quanto é ella?

A. — E' de um litro.

P. — Paulo segurarã esses objectos pelos cabos, enquanto você os encherã de agua, com este litro, e medirá quanto leva cada um. Farã o mesmo com a esphera, que é ôca.

A. — Nesta primeira medida, de fóma conica, no cone, coube certinho *um litro*.

P. — Escreva no quadro-negro, Alberto.

A. — (Escreve.) *Cone = 1 litro*.

A. — (Enchendo a esphera.) Couberam *dois litros*.

A. — (Escreve.) *Esphera = 2 litros*.

A. — Será que no cylindro cabe mais ainda? São *tres litros* certinhos.

A. — (Escreve.) *Cylindro = 3 litros*.

P. — A agua que encheu o cone, a esphera e o cylindro, que parte delles occupou? Occupou a superficie?

A. — Não, senhor. A superficie é a parte de fóra. A agua occupou todo o interior.

P. — Si em vez de agua, nós tivessesmos empregado cera derretida, quando esta esfriasse o que teriamos?

A. — Outro cone, outra esphera, e outro cylindro.

P. — Teriamos o corpo todo, todo o seu *volume*.

Logo, a agua occupa a parte correspondente ao quê?

A. — Ao *volume* de cada medida, de cada sólido.

P. — Pela agua que encerra o cone e a esphera, como poderemos considerar os seus volumes?

A. — O volume do cone é a metade do volume da esphera.

P. — Muito bem! E que parte é do cylindro?

A. — *Um* é a 3.^a parte de 3. O volume do cone é a terça parte do volume do cylindro.

P. — Mas, porque será isso?

A. — (?)

P. — Diga-me uma coisa: este cone e este cylindro não têm a mesma base e a mesma altura?

A. — Ah!... já sei. O volume do cone é a terça parte do volume dum cylindro, que tenha a mesma base e a mesma altura.

P. — E que parte do cylindro é a esphera?

A. — (?)

P. — A esphera tem $\frac{2}{3}$ do cylindro e o *dobro* do cone. Vamos verificar. Despeje a agua e enxugue bem as vasilhas.

A. — Prompto. Estão bem enxutinhas.

P. — Ponha a esphera dentro do cylindro.

A. — Quasi que não coube!

P. — Que parte do cylindro está occupada pela esphera?

A. — Dois terços do cylindro.

P. — Que parte está vasia?

A. — Um terço está vasio.

P. — Quanto de areia póde você collocar ainda no cylindro?

A. — Mais um litro. Cabem 3 litros ao todo; a esphera occupa o lugar, o *volume* de 2 litros; ainda resta vasio 1 litro.

P. — Encha-o então de areia. Cuidado para não deixar entrar areia na esphera.

A. — Coube certinho.

P. — No peso é a mesma coisa. Si, de um cylindro de ferro que pesa 9 kilos, tirarmos um cone de igual base e igual altura, quanto pesará o cone, e quanto sobrá de ferro?

A. — O cone pesará a 3.^a parte dos 9 kilos, do peso todo, isto é, 3 kilos. O resto do ferro pesará 6 kilos.

P. — Muito bem!... Que fôrma tem um queijo de Minas, Raul?

A. — E' um cylindro.

A. — Mas um cylindro de pouca altura.

P. — Si nós cortarmos todo o queijo em rodela, pela base, o queijo ficará reduzido a quê?

A. — A uma porção de *rodela*, uma porção de *circulos*.

P. — E para termos o queijo de novo, em todo o seu tamanho, todo o seu volume, o que precisamos fazer?

A. — Reunir de novo, as rodela, os *circulos*.

P. — Até completar o quê?

A. — A *altura* do queijo.

P. — Logo: o *volume do queijo*, o *volume do cylindro*, é formado da rodela da base, do *circulo* que fôrma a base, multiplicado pelo quê?

A. — Pela altura?

P. — Exactamente: o volume de qualquer cylindro é igual ao *circulo da base multiplicado pela altura*.

A. — (Escreve.) $V. cy. = \pi R^2 \times A.$

P. — Venha, Jorge, resolver um problema.

Quantos litros de gasolina cabem num deposito cylindrico de 6.^m de altura, sabendo-se que a base tem o diametro de 2.^m?

A. — $V. cy. = \pi R^2 \times A$

$V. cy. = 3,14 \times 1^{m2} \times 6^m$

$V. cy. = 18^{m3} 840.$

Cabem 18^{m3} 840. (Dezoito metros cubicos e 840 decimetros cubicos.)

P. — Quantos litros são?

A. — Cada decimetro cubico é um litro, não é? Então, são 18.840 litros de gasolina.

(Muitos exercicios deverão sêr dados.)

P. — Amanhã faremos problemas com o cone e a esphera.

(Conhecido o volume do cylindro, o professor guiará a classe ao volume do cone e da esphera, prevalecendo-se dos conhecimentos obtidos pela comparação dos volumes entre si.)

HISTORIA DO BRASIL

A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

Ensinae ás crianças brasileiras a Historia-patria, de modo que ellas aprendam a conhecer e amar o seu paiz e procurem imitar os feitos valorosos dos grandes vultos do Brasil.

— Vejamos quem de vocês me responde á seguinte pergunta: Qual é a fórmula de governo que existe em nossa patria?

— Muito bem, Raul! Bem se vê que você prestou atenção á aula passada. Justamente: é a fórmula republicana federativa. Antes, porém, de ser republica, o nosso Brasil foi uma... fale você, Mario.

— Bravo, Mario! Foi monarchia... Olhem para este quadro. Leia o nome dos grandes homens que aqui estão representados, Euzebio.

— Perfeitamente: o marechal Deodoro da Fonseca, o marechal Floriano Peixoto, Benjamin Constant, Quintino Bocayuva, Aristides Lobo e Ruy Barbosa. Esses foram os principaes chefes do movimento que derrubou o imperio e implantou a Republica nesta grande terra.

Agora, ouçam todos, com muita atenção, a historia resumida da proclamação da Republica brasileira:

O marechal Deodoro á frente de parte da guarnição revolvida apresentou-se, na manhã de 15 de novembro de 1889, na Praça da Acclamação (hoje Praça da Republica) e collocou-se deante do Quartel General do Exercito, onde se achava reunido o ministerio presidido pelo Visconde de Ouro Preto. Vejam aqui o retrato do Visconde. Entrando no quartel, o marechal expôz ao ministerio as causas da revolução e depois postou-se á frente da força que commandava, proclamando a Republica, que foi saudada por uma salva de 21 tiros. Em seguida, organizou-se um governo provisório que teve por chefe... quem foi mesmo o primeiro presidente da Republica? Lembra-se, Alcides?

— Sim. Foi o marechal Deodoro da Fonseca.

— E o imperador, foi preso, professor?

— Não: D. Pedro II, avisado pelo telegrapho, partiu de Petropolis, e chegando ao Rio de Janeiro, a uma hora da tarde, já encontrou a revolução triumphante.

— E houve lutas, professor?

— Absolutamente, não. Felizmente a Republica em nossa patria foi proclamada sem se verter uma só gota de sangue.

— E o que aconteceu ao imperador?

— No dia 16 de novembro de 1889, o governo provisório mandou dois emissarios entregar a D. Pedro II uma mensagem determinando a sua retirada do paiz, no prazo de 24 horas, e offerecendo-lhe a quantia de cinco mil contos para as despesas de seu estabelecimento no estrangeiro. D. Pedro, calmo, resignado, respondeu que partiria no dia seguinte para a Europa, com toda a sua familia, mas que recusava os favores pecuniarios. De facto, partiu no dia 17 de novembro de 1889, ás 3 horas da madrugada.

Foi assim, meus meninos, que se proclamou a Republica no Brasil, neste Brasil que D. Pedro tanto amou e que é a nossa grande patria.



O exemplo e a pratica são mais efficazes
que o preceito e a theoria.



EDUCAÇÃO PHYSICA

JÓGOS ESCOLARES

Os jógos com saquinhos são de grande vantagem, especialmente onde houver falta de material, pois os saquinhos são de facil confecção. Podem perfeitamente, em muitos jógos, substituir as bólas. A variedade no feitiço, côr etc., contribuirá para tornar o jógio mais attraente. Poderão sêr feitos de fazendas de côres vivas, uma côr para cada partido, podendo sêr circulares, com orificios no centro o que facilitarâ manejal-os; rectangulares etc.; devem porêr sêr, sempre, de material resistente, e não muito cheios de feijão, café ou areia.

I. — JÓGOS COM SAQUINHOS

Egualmente divididas em duas filas, collocam-se as crianças. Em frente de cada fila acham-se amontoados uns dez saquinhos.

A um dado signal, a 1.^a criança de cada fila ergue um saquinho e passa-o por cima da cabeça á 2.^a, que o passa á 3.^a e assim, successivamente, o saquinho vae passando até ao fim da fila. Repete-se o mesmo com os outros saquinhos.

A' medida que o ultimo da fila vae recebendo os saccos, amontoa-os atraz de si. Sómente o 1.^o sacco deve tocar no chão. Os outros devem sêr collocados uns sobre os outros.

Vence a fila que primeiro amontoar bem todos os saccos.

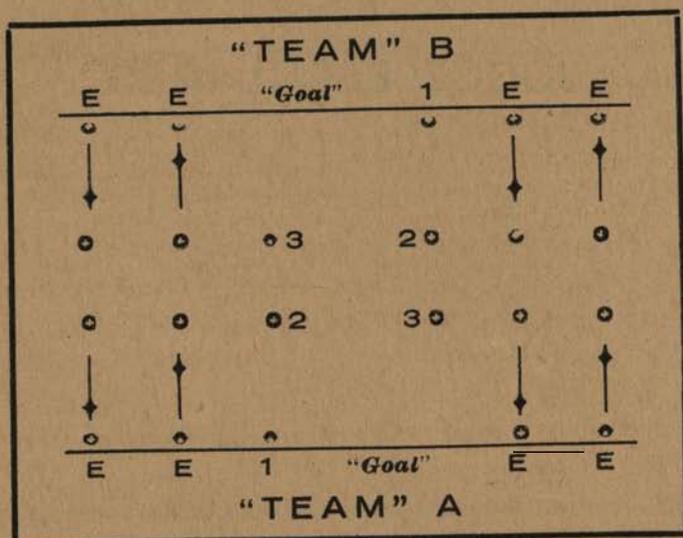
No jógio seguinte, os *ultimos* das filas passam os saccos á frente, devendo os primeiros das filas amontoal-os.

II. — EQUILIBRISTAS

Oito crianças, divididas em dois partidos, tomam parte neste brinquedo.

Um jogador de cada partido é escolhido como *equilibrista*.

Cada *equilibrista* e o companheiro n.º 1 do seu partido, tomam lugar no *goal*. Os outros dois collocam-se com seus saquinhos nas *paradas* 2 e 3.



A um dado signal, os jogadores de n.º 1 collocam saquinhos nas cabeças dos seus *equilibristas*. Estes saem correndo em direcção ás 2.^{as} *paradas*, onde os numeros *dois* de cada *team*, irão ao seu encontro collocando-lhes saquinhos nas palmas das mãos direitas. Nas 3.^{as} *paradas*, cada um receberá do companheiro n.º 3 um saquinho na mão esquerda.

Equilibrando os tres saccos, devem seguir até chegar ao *goal* opposto, tocá-lo e voltar ás 3.^{as} *paradas*, onde lhes serão retirados os saccos das mãos esquerdas. Voltando ás 2.^{as} *paradas* lhes serão retirados os saccos collocados nas mãos direitas. Voltarão depois ao seu *goal* a retiral-os das cabeças.

Será vencedor o *equilibrista* a quem primeiramente o companheiro de *goal* retirar o saquinho da cabeça.

Si algum *equilibrista* deixar cair o saquinho, precisa voltar a recebê-lo do jogador que o collocou e ir novamente ao *goal*.

Este jogo proporciona divertimento, tanto a quem toma parte com a quem assiste.

III. — CESTA

Dez ou mais crianças podem brincar. Dois *capitães* escolhem os membros dos seus partidos.

Os jogadores fazem uma grande ródá, sendo a metade direita formada por um partido, e a metade esquerda, por outro. Os dois *capitães* ficam lado a lado.

Uma cesta para papeis é collocada no meio da ródá. Cada *team* tem um saquinho. O professor servirá de juiz, junto á cesta.

Os jogadores, alternadamente, um de cada *team*, começando pelos *capitães*, experimentarão fazer entrar os saquinhos na cesta.

O juiz verá que cada um jogue por sua vez e fará voltar os saquinhos aos jogadores.

Cada vez que um *capitão* acertar, marcará 2 *pontos* para o seu partido; qualquer outro jogador marcará 1 *ponto*. O jogador que fizer *ponto*, terá direito a jogar novamente.

IV. — OBSTACULO

As crianças formam ródá, com os pés separados. Cada uma tem no chão, entre os pés, em pé, sem tocar-o, um saquinho.

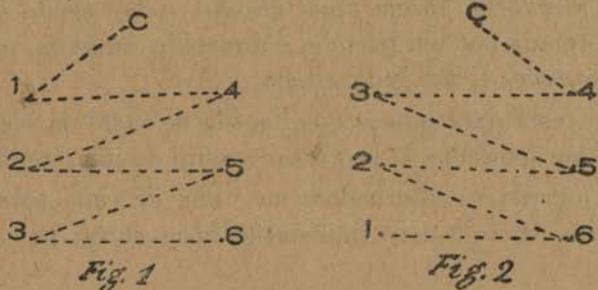
Uma das crianças fica no meio da ródá. Poderá estar sentada ou de pé e de posse de um sacco um pouco maior e mais cheio, com o qual procura derrubar os dos companheiros da ródá. Aquelle cujo sacco fôr derubado, passará ao centro.

V. — ZIG-ZAG

Divide-se a classe em *teams*. Cada *team* será por sua vez dividido em 2 fileiras eguaes, que ficam face a face, a uns dois metros mais ou menos de distancia. Cada *team* terá um saquinho, e um *capitão* ou chefe (C) que ficará numa da pontas entre as fileiras.

O diagramma junto considera o *team* com 7 membros.

O jogo começará sempre por um dos jogadores mais afastados do *capitão*.



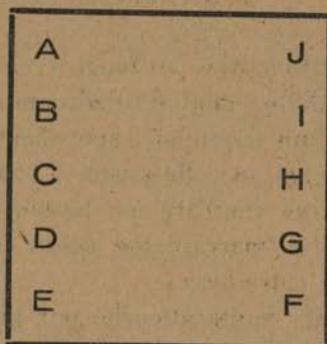
O n.º 6, por exemplo, (fig. 1) de posse do saquinho, joga-o ao n.º 3. Este recebendo-o, trata immediatamente de passal-o ao n.º 5, que por sua vez o passará ao n.º 2, este ao n.º 4 e este ao n.º 1, que o passará ao *capitão*. Este passal-o-á sempre ao *mesmo* jogador de quem o recebeu.

O n.º 1, ao receber do *capitão* o saquinho, corre com elle a occupar o logar do n.º 3 (fig. 2.) O n.º 3 passará para o logar do 2 e o 2 para o logar do 1. O n.º 1 jogará logo ao n.º 6; 6 ao 2, 2 ao 5, 5 ao 3, 3 ao 4, 4 ao *capitão*. Recebendo do *capitão* o saquinho, o n.º 4 sairá correndo a occupar o logar do n.º 6. Os numeros 5 e 4 chegarão mais para perto do *capitão* etc.

Vencerá o *team* que primeiro tiver todos os seus membros de novo nas posições iniciaes.

VI. — DE PONTA A PONTA

Qualquer numero de alumnos poderá tomar parte. Os *teams*, que deverão constar de numero par de alumnos, alinham-se face a face, em duas fileiras, a uma distancia de 6 metros. Os jogadores deverão conservar entre si, hombro a hombro, uma boa distancia.



A um dado signal, A atravessa correndo metade da distancia que o separa de J e dahi joga o saquinho a J. Este passa-o a I, e I a H etc., até chegar a F, no fim da linha. F, ultimo desta linha, atravessa metade do espaço que o separa de E, e dahi joga o saquinho a E. Quando E pegar o saquinho, *todos* mudarão de lugar, rodando á esquerda. O saquinho passará logo de E a D etc., fazendo B a mesma coisa que A fez, isto é, correr até ao meio das fileiras e jogar o saquinho a A.

Assim continuará o brinquedo, até que todos tenham voltado á posição que occupavam no começo do jogo.

VII. — LEVAR E TRAZER

Um circulo de metro e meio de diametro, mais ou menos, é traçado na frente de cada uma das filas que constituem os *teams*. Cada jogador terá um saquinho. A um dado signal, os primeiros alumnos de cada fila adeantam-se, depositam o saquinho no seu

circulo e voltam ao seu logar na fila. Quando o primeiro voltar, o n.º 2 corre a depositar o sacco e volta. Continúa assim, até que todos os saccos da fila estejam no circulo. São então o primeiro para retirar o sacco, e ao voltar toca no segundo, que vae buscar o seu, e successivamente, até que todos tenham retirado um sacco. A fila que primeiro desoccupar o circulo, será a vencedora.

VIII. — ATRAVESSAR O ARCO

Os jogadores alinham-se ao longo e em frente duma linha sobre a qual, a um dado signal, é rolado um arco de barril. Cada jogador, de posse dum saquinho, experimenta fazel-o atravessar o arco no momento em que elle passar á sua frente. Cada sacco que atravessar o arco marcará *um ponto*; quando derrubar o arco sem atravessal-o, marcará *um ponto contra* o jogador, ou *team*, si o jogo fôr entre *teams*.

Este jogo requer muita attenção por parte do juiz.

IX. — POR CIMA

Os jogadores alinham-se, em duas filas, com um *capitão* á frente de cada fila. Cada *capitão*, usando as duas mãos, passa, por cima da cabeça, um saquinho ás mãos do vizinho immediatamente atraz. Este, passa-o ao seguinte, e assim successivamente, até chegar ao ultimo, que corre com o sacco ao *capitão*.

Vence a fila cujo ultimo jogador chegar primeiro com o sacco ao *capitão*.

Necessario é não perder de vista o objecto de cada estudo, para que o fim não seja sacrificado pelos meios.



PEDOLOGIA

A EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(H. BOUQUET. — Trad.)

O MEDO

(*Continuação*)

Este estudo pôde parecer um pouco fóra do nosso assumpto pelo character de anormalidade pathologica, que o faz afastar-se dos moldes deste capitulo.

O medo pôde parecer a um observador superficial um sentimento frequente na criança. Em nossa opinião, não é isso. Em todo o caso, pôde-se adeantar que os moveis do medo differem entre a criança e o adulto, e que esta só manifesta esse sentimento num periodo já avançado de desenvolvimento intellectual. Até ahí, as unicas coisas que podem suscitar o medo na criança, são as impressões extremamente bruscas, vivas e desagradaveis, taes como um ruido violento ou a apparição subita dum objecto desgraçoso.

E' preciso, em summa, o character de surpresa que, além disso, mais tarde, agirá ainda violentamente na genese do mesmo sentimento. Quanto ao medo da escuridão, a criança não o tem, e como próva, já assignalámos que ella abre com mais satisfação os olhos ao declinar do dia, ao escurecer. Com mais forte razão, a criança não tem medo das coisas ou dos sêres perigosos, porque não conhece o perigo. E por isso poder-se-ia comparal-a a certos animaes que não temem o homem, como os pinguins dos desertos

polares, porque não aprenderam a conhecê-lo e por elle se deixam exterminar, tratando de fugir só tardiamente. Conheci uma menina que enchia as mãos de moscardos e aranhas e os levava triumphalmente a sua mãe, sem imaginar o perigo que corria e sem o menor medo. Do mesmo modo, a criança que começa a andar e que ainda não cahiu, não teme a quêda e suas consequencias, ás vezes dolorosas.

Do que precede, resulta que o medo é, em realidade, um sentimento introduzido pela educação na psychologia infantil. A melhor prova disto está no effeito produzido pelas deploraveis historias de salteadores e de animaes ferozes, de genios malfazejos e das fadas fataes, com que costumam encher o cerebro das crianças. A partir do momento em que essas noções absurdas entram no seu pensamento, o medo toma uma parte preponderante na vida intellectual do infante. A escuridão, o silencio dos bosques, a solidão se povoam para elle duma multidão de fantasmas, de genios máos destinados a fazer mal aos sêres fracos, e dahi o medo com seu cortejo de impressões nervosas, violentas, que muitas vezes deixam um traço indelevel nesse cerebro tão maleavel e dão origem a um estado nervoso que poderá mais tarde, tomar um character sério. Quando a criança tiver soffrido uma quêda, quando fôr picada ou mordida por um insecto, ou outro animal, ella conhecerá o medo desses accidentes ou desses animaes, porque terá sentido os seus dolorosos effeitos. Poder-se-iam multiplicar facilmente estes exemplos.

A este rapido estudo do medo infantil liga-se egualmente a questão do pesadelo. Aqui, ainda nos achamos na presença duma aquisição devida a faltas de educação intellectual juntas muitas vezes a faltas na hygiene alimentar. E', com effeito, de notoriedade absoluta que a alimentação defeituosa é a grande causa dos *terrores nocturnos* da criança. Trata-se, na mór parte dos casos, duma nutrição mui copiosa ou mal adaptada ás necessidades do individuo. Assim é que, si a superabundancia de alimentos é uma causa inegavel de pesadelos e terrores, tambem o é a introducção precoce do alcool na alimentação da criança,

que deveria desconhecê-lo completamente até uma idade relativamente avançada.

Doutra parte, é inegável que os contos fabulosos e nefastos, com que as mães e mesmo certas mães têm o hábito de nutrir o espírito das crianças, as ameaças continuas do papão ou dos animes ferozes, têm uma influencia muito nitida na genese desses pesadelos e terrores, que são, por sua vez, uma causa de nervosismo ulterior sobre o qual é urgente attrair a attenção dos educadores.



O conhecimento da idéa deve preceder ao
do signal que a representa.



LIÇÕES DE COISAS

Ó CINEMATOPHOTO

— Ha poucos dias, quando aqui estudámos a vista, o Mario affirmou que seus olhos não o enganavam. Você continúa a pensar assim, Mario?

— Bem; está no direito de assim pensar. Mas, si eu lhe disser que até no cinema os olhos nos enganam?

— E' sim, possível. Vejamos como: Em primeiro lugar, o que é preciso para haver fitas? Que andam fazendo certos homens, com uns apparelhos que parecem machinas photographicas?

— Justamente: aquellas machinas, que se vêem nas chegadas dos trens, nos desfiles de trópas, nas partiđas disputadas dalgum jogo etc., etc.

— Tiram retratos, disse você. Photographias instantaneas, umas após outras, são tiradas com intervallo de $1/2$ ou $1/5$ de um segundo.

Que faz o photographo, depois que tira uma photographia?

— Bem, o photographo cinematographico faz o mesmo, com a differença que imprime o seu negativo em fitas de celluloides. Compreenderam?

— Muito bem! Vejo que já sabem o que são as fitas.

Tiradas as photographias, em *fitas*, tratemos de expô-las ao publico.

— Sim, *passal-as*, é o termo mais usado.

— Já vou lhe explicar o que deseja, Paulo. A operação consiste em fazer deslizar a fita entre o *condensador* e a *objectiva* de um apparelho especial de projecção.

— E' isso mesmo, Alvaro: o aparelho é uma especie de lanterna magica na frente da qual passam as *fitas* com a mesma velocidade com que as *photographias* foram tiradas.

— Paulo tem uma porção de *fitas* no bolso. Que bom!

— Traga-as aqui á frente; vamos examinal-as.

— Ah!... foi um amigo de seu pae que lh'as deu... Vejamos o que você vê, aqui neste pedacinho.

— Um cavallo a galope, diz você. E neste pedacinho seguinte, uma porteira. Aqui estão separadas as duas figuras, mas si nós as vissemos na t'ela, no cinema, veriamos o cavallo pulando a cerca.

— Você não entende como é? Pois, escute.

A passagem duma *photographia* á outra, é dissimulada por meio dum *obturador automatico*.

— Não sabe o que é? Esse *obturador* é uma peça que intercepta a luz entre as *photographias*.

— Como é que este *interceptor* não produz descontinuidade entre as passagens das projecções sobre a tela? Ah! ahi é que está como os nossos olhos nos enganam! Elles retêm a imagem de cada *photographia* isolada o tempo sufficiente para juntal-a á da *photographia* seguinte que apparece.

— Entende agora? Pois, muito bem. E' assim que temos a impressão continua das imagens consecutivamente projectadas.

— Justamente: tudo tão minucioso e continuado que parece impossivel que sejam *photographias* isoladas!

— Bem disse Alvaro. Quanta coisa bonita podemos vêr no cinema! Não só bonita, mas maravilhosa e util. Grandes serviços tem prestado a arte cinematographica á humanidade, especialmente no sentido educativo, mas infelizmente, devido a abusos, tem introduzido e ensinado muita coisa perniciosa!

LOCOMOTIVAS

Professor. — Então, como passaram o feriado de hontem?

Alumno. — Hontem eu fui a Santos com o papae.

P. — Foram e voltaram hontem mesmo?

A. — Sim, senhor. Fomos no trem que sáe da Estação da Luz ás 6 horas, e voltámos á noite.

P. — Vêem vocês todos como podemos viajar rapidamente, hoje em dia?

A. — E com todo o conforto!

A. — Ás vezes, vamos de automovel.

A. — Tambem de aeroplano póde-se viajar, não é mesmo?

P. — Sim. Antigamente precisaríamos viajar a cavallo, ou de carro...

A. — Ou a pé.

A. — Uma grande invenção, a locomotiva!

A. — Quem a teria inventado?

P. — Devemos a Jorge Stephenson essa invenção. Em 27 de setembro de 1825, na Inglaterra, fez Stephenson correr a primeira locomotiva.

A. — As pessoas que a viram trabalhar pela primeira vez deviam ter ficado muito admiradas.

P. — Stephenson teve muitos inimigos, principalmente quando construiu e inaugurou, em 1830, a primeira estrada para uso publico.

A. — E como não havia elle de ter ficado radiante com a sua victoria!

A. — E no Brasil, quando foi que tivemos a primeira estrada de ferro?

P. — Fomos, na America do Sul, o primeiro paiz a conhecer a locomotiva e a estrada de ferro.

A. — Qual foi essa estrada? Onde era, professor?

P. — Foi uma estrada ligando o Rio de Janeiro a Petropolis.

A. — E quando foi inaugurada?

P. — Foi creada pelo Visconde de Mauá, e aberta ao tráfego em abril de 1854.

A. — Mas, o que é que faz andar a locomotiva?

A. — O vapor d'água na caldeira, não é?

P. — E', sim. O poder desse vapor d'água é um exemplo vivo de que “a união faz a força.”

A. — Como?

P. — Esse poder do vapor, que movimenta grandes navios através dos mares, parte enormes blócos de pedra...

A. — Move as locomotivas.

P. — Esse poder é devido á reunião de pequenissimas unidades de forças.

Em que estado se acha a agua quando tem esse poder? Quem é capaz de me dizer?

A. — Eu digo, professor: acha-se no estado gazoso.

P. — Justamente: O vapor, como sabem, tem o poder de expandir-se.

A. — E' esse poder de expandir-se que faz o trabalho.

P. — O poder desse gaz é devido a pequeninas moléculas de que é formado. Cada uma dessas moléculas precipita-se em direcções differentes.

A. — Procuram escapar.

P. — Exactamente; e assim fazendo, batem-se contra as paredes do vaso que procura prendel-as. Vejam, aqui nesta figura, uma locomotiva. Aqui está a caldeira onde se fórma o vapor d'água.

A. — E' ahi que as moléculas se batem, nas paredes da caldeira?

P. — Sim. Vejamos uma coisa: uma só molécula terá muita força?

A. — Acho que não tem.

P. — Não tem, mas como ha bilhões dellas esparsas nesse gaz, ellas conseguem o trabalho todo.

Por isso que eu disse que ellas justificam o ditado: “a união faz a força.”

A. — Conseguem fazer andar a locomotiva e os navios.

P. — Fazem pressão contra o *pistão* que impulsiona as rodas. Olhem o *pistão*, de que estou falando.

A. — E não ha perigo de fazerem pressão de mais?

P. — Ha, sim, mas por isso mesmo todas as *caldeiras* ou *geradores de vapor* são providas de *manometros*.

A. — Que faz o *manometro*?

P. — Indica a pressão do vapor.

A. — Que mais têm as caldeiras?

P. — Um tubo de vidro chamado *indicador*, que mostra o nivel da agua.

A. — Para se saber quanta agua ainda ha na caldeira.

P. — Ainda ha *valvulas de segurança*, que permitem o escapamento do vapor quando a pressão é demasiada, e uma *bomba de alimentação*, que introduz agua na caldeira.

A. — A' medida que a agua da caldeira vae se vaporizando, não é?

P. — Justamente.

A. — As locomotivas de hoje são bem differentes da de Stephenson!

P. — Sim, um seculo fez bastante differença na manufactura e fórma das locomotivas.

AS TROMBAS

— Vejam que linda gravura! Que representa ella?

— Exactamente: essa gravura nos mostra uma enchente.

Vocês já viram uma enchente? Quando um rio se enche muito, que acontece, Pedro?

— Muito bem. As aguas saem de seu leito e alagam os terrenos marginaes, como vocês estão vendo na figura... E o que mais fazem as aguas duma enchente?

— Exactamente, como diz você, Julio. Derrubam, em sua passagem, casas, arvores, arrastam pontes etc... E você, Antonio, que me diz da enchente?

— Sim: as enchentes destróem, com a impetuosidade de suas vagãs, tudo quanto se oppõe á sua marcha devastadora... Vocês já ouviram falar em *resaca*? Quem souber o que é *resaca* póde falar. Você, Alexandre, vae dizer.

— Perfeitamente. Então, quando ha *resaca*, as ondas do mar atiram-se furiosamente para o lado das praias e destróem tudo quanto encontram; até as muralhas de pedras são por ellas destruidas. No Rio de Janeiro têm havido grandes *resacas* que têm causado colossaes prejuizos, destruindo muralhas, combustores da illuminação publica, arvores, jardins etc., que embelezam a majestosa Avenida Beira-Mar. Assim como ha turbilhões de agua que tudo destróem, ha tambem na atmosphaera turbilhões animados duma grande velocidade de rotação. Taes phenomenos tomam diversos nomes, conforme as dimensões do turbilhão e a intensidade dos effeitos que este póde produzir. Hoje vamos tratar dum desses turbilhões, que recebe o nome de *tromba*. Você já ouviu falar em *tromba*, Aurelio?

— Não é isso; prestem muita attenção. Você já viu uma *tromba* de elephante, José?

— Muito bem. Que fórma tem ella?

— Exactamente. Tem a fórma conica ou de um cone. Pois as *trombas* que se formam na atmosphaera, são columnas d'agua em fórma dum cone, agitadas por ventos e girando rapidamente sobre si mesmas, que descem das nuvens, alongam-se até chegarem á superficie da terra ou do mar. Vejam aqui, neste quadro, uma *tromba*.

Esta columna que vocês estão vendo aqui, é animada dum movimento de rotação que ella faz em torno dum eixo e tambem dum movimento de translação que a faz percorrer alguns kilometros.

— As *trombas* tambem causam estragos sobre a terra, professor?

— Tanto estrago quanto as aguas do mar ou dos rios, quando ha *resacas*, ou enchentes. A sua duração é curta, mas as *trombas* têm tal violencia, que arrancam arvores, destróem casas, viram embarcações etc.

— No mar tambem ha *trombas*, professor?

— Ha sim, meu pequeno. Assim como as nuvens se abaixam em fórma de cone, as aguas do mar tambem se elevam com a mesma fórma, até que as duas columnas d'agua se tocam pelos vertices.

E' um spectaculo horrivel, mas ao mesmo tempo bellissimo. O que estou explicando, vocês poderão vêr aqui nesta gravura. De modo que as *trombas* podem sêr... como Luiz?

— Muito bem. *Maritimas e terrestres*. Ellas são geralmente acompanhadas de saraiva, chuva, raios, relampagos, produzindo um ruido semelhante ao dum pesado carro rodando sobre cascalhos.

— Qual é a causa das trombas, professor?

— Segundo Kaemtz, ellas são devidas a ventos oppostos, que se encontram, ou a um vento forte nas altas regiões da atmosphera. Peltier attribuiu-lhes uma origem electrica.

— No Brasil têm havido muitas trombas, professor?

— Não; ellas são raras em nossa patria, mas muito frequentes na America do Norte, onde receberam o nome de *tornados*. Mas... é bastante, já está terminada a aula.

Noutra lição trataremos doutros phenomenos atmosphericos.

O PHAROL

Professor. — Quando estudámos a locomotiva, eu lhes disse que haviamos de conhecer outras bonitas invenções.

Alumno. — De todas as invenções do homem, qual é a que o senhor acha mais importante?

P. — São tantas, e tão uteis, que é difficil saber qual a mais importante! Uma das mais admiraveis, é a luz, o modo pelo qual o homem conseguiu desfazer as trevas, illuminar suas casas, suas cidades etc.

A. — Como é bonita uma cidade illuminada!

A. — Como é linda a illuminação da Bahia Guanabara!

P. — Mas, já pensaram vocês quão triste e difficil deve sêr

ao marinheiro viajar á noite, quando a lua não brilha, nem as estréllas scintillam?

A. — Não ha luzes pelo mar, como se vê nas ruas.

P. — E ha logares muito perigosos no mar, onde os marinheiros bem precisam de luzes.

A. — Ha grandes pedras no fundo dos mares.

P. — Rochas e recifes occultos embaixo da agua.

A. — Grandes bancos de areia onde os navios podem encalhar.

P. — Para guardar os navios desses perigos, inventou o homem o *pharol*. Vejam, neste quadro, a figura dum *pharol*.

A. — Quem inventou o *pharol*? Que bella torre com esse fóco de luz bem no' alto! . . .

A. — Devia ter sido algum marinheiro o inventor.

P. — O primeiro *pharol* construido foi o de *Pharos*, em *Alexandria*.

A. — Todos os *pharóes* serão assim como esse da gravura?

P. — A maior parte dos *pharóes* têm lanternas ou luzes, mas ha *pharóes* munidos de poderosos apitos, ou buzinas.

A. — Para que?

P. — Nada ha que os marinheiros temam tanto como o nevoeiro. E logares ha onde elle é muitissimo intenso.

A. — Ah! . . . já sei: nesses logares, os *pharóes* luminosos de nada valeriam. E' preciso, então, empregar as buzinas.

P. — Sim, e algumas dessas buzinas se fazem ouvir a distancia de vinte milhas.

A. — Podem assim saber de longe onde está o perigo.

P. — A luz dalguns *pharóes* é fixa; noutros, gira; outros ha em que a luz é *intermittente*, isto é, accende-se e apaga-se, continuamente.

A. — A luz dos *pharóes* precisa sêr bem forte!

P. — Na Escocia ha um *pharol*, cuja luz de 30.000.000 de velas póde sêr avistada duma montanha a 100 milhas de distancia.

A. — Na Escocia precisam mesmo de *pharóes* poderosos.

P. — Porque?

A. — Porque as costas são muito irregulares.

P. — Muito bem! Guardando as Ilhas Britannicas da furia dos mares que as rodeiam, ha 900 pharóes.

A. — Ellas precisam mesmo, porque têm tanto litoral!

P. — Nós tambem temos bastante litoral, mas não precisamos de tantos pharóes, porque temos costas mais ou menos regulares.

A. — Deve sêr bem difficil construir um pharol!

P. — Si é!

A. — São construidos em qualquer logar?

P. — Alguns são construidos nas costas; outros, no alto mar, sobre recifes isolados; outros ainda sobre bancos de areia.

A. — Ha de sêr mesmo difficil a construcção dos pharóes!

P. — Os homens que edificam os pharóes precisam sêr corajosos, habeis e, acima de tudo, constantes e pacientes.

A. — Porque?

P. — Si elles pudessem começal-os e acabal-os, sem interrupção, como qualquer outro serviço, seria facil!

A. — E porque não podem trabalhar continuadamente?

P. — A furia do mar não os deixa. Um pharol foi construido, no qual se trabalhou apenas 30 horas por anno.

A. — Quantos annos não levou para sêr acabado!

P. — Noutro pharol levaram 4 annos só para perfurar na rocha viva, 12 buracos nos quaes os alicerces deviam sêr implantados.

A. — Quanto tempo!

P. — Quanto tempo, quanta paciencia, coragem, dedicacão e heroismo mesmo, não representa cada uma dessas sentinellas mudas que vigiam pela segurança e bem-estar dos intrepididos marujos e dos viajantes!



MACHINAS DE COSER

— Outra gravura, professora!?

— Esta representa um objecto, muito conhecido de todas vocês.

— Justamente: é uma machina de costurar.

— Maria não gosta de costurar a não sêr na machina.

— Com se arranjaría ella, então, si fôsse do tempo em que não havia machinas de costura?

— De certo que não existiram sempre! Nossos antepassados usavam espinhos para juntar as folhas, as pelles etc., com que se cobriam. Os esquimãos e alguns indios ainda assim procedem hoje em dia... Você, Julia, me pergunta quem inventou a machina de costura? O americano Howe foi o primeiro que teve a idéa de fazer passar, mecanicamente, a linha dum lado a outro da fazenda, e prendel-a por meio de pontos.

Homens de diversas nacionalidades trabalharam durante um seculo, desde o apparecimento da primeira tentativa mecanica para coser, até que fôsse produzida e posta á venda a machina de Howe...

— Bem disse você, Alice: foi mesmo um acontecimento! Acontecimento esse que melhor se aprecia sabendo-se as difficuldades com que Howe lutou...

— Falta de dinheiro, sim, e toda outra especie de revezes e perseguições, devidos principalmente á erronea idéa de que essas machinas iriam tirar o pão de muita gente.

— Justamente, Luiza, você diz bem: não pensaram nas suas enormes vantagens. Maria, entretanto, é boa defensora de Howe, não é?

Vou agora responder á pergunta de Julia. Sim, as primeiras machinas eram bem differentes das usadas hoje. Umas havia cuja agulha tinha duas pontas e o olho, ou fundo, bem no meio. Outras, francezas, eram de madeira.

— Grosseiras mesmo como eram, foram muito uteis na confecção de uniformes para soldados.

— Amelia diz que sua machina é Singer. E' uma das marcas mais antigas. Tem o nome do seu inventor — Isac M. Singer.

— Você não sabia que Singer era nome de gente, Leonor?! Pois é. Elle foi o primeiro a introduzir a machina tocada pelos pés.

— Sim, ha machinas de coser tocadas a mão, a pé e a motor.

— Você, acha Maria, estas ultimas as melhores? Não ha duvida que são muito boas.

Desde o tempo de Howe até os nossos dias, o uso das machinas de costura tem se generalizado de tal fórma, que não ha quasi familia no mundo civilizado, por mais modesta que seja, que não possúa um desses utilissimos inventos.

MIRAGEM

Alumno. — Ouvi alguém dizer: “Não posso acreditar nos meus olhos.”

A. — Então, a gente não poderá acreditar nos proprios olhos? Será que elles mentem?

Professor. — Muitas vezes elles nos enganam, principalmente nos logares muito quentes, nos desertos.

Sabem o que são *desertos*?

A. — São enormes extensões cobertas de areia.

P. — E como se chamam as ilhas de verdura que existem no meio dos desertos?

A. — São *oasis*.

A. — Os viajantes ficam contentes quando chegam a um oasis.

P. — Pois ás vezes, os viajantes, cansados, vêm, ou melhor, pensam que vêm um oasis onde poderão achar agua e sombra.

A. — E não chegam ao oasis?

P. — Depois de viajarem e viajarem, o oasis desaparece como appareceu — por encanto.

A. — Que foi que elles viram?

P. — Foi uma *visão*, uma *miragem*. Um grande explorador certa vez descobriu e até deu nome a uma montanha que não existia, mas que elle imaginou, pensou ter visto, ter descoberto.

A. — E era uma *miragem*?

A. — Mas, o que vem a sêr uma *miragem*?

P. — Quando um viajante vê no deserto um oasis, e este desaparece ante seus olhos, o que elle viu foi a imagem dum verdadeiro oasis, muito longe, ou abaixo do horizonte.

A. — Então, não é só *immaginação*!

P. — E' uma *illusão* de optica. A luz do oasis verdadeiro foi reflectida duma camada de ar.

A. — A gente vê como si olhasse num espelho.

P. — Justamente. O ar estando calmo e aquecendo-se ao contacto das areias ardentes do deserto, fórma camadas cuja densidade vae augmentando de baixo para cima.

A. — As camadas de ar ficam com temperatura differente.

P. — Temperatura e densidade differentes. E quando a luz passa duma densidade a outra o que acontece?

A. — Parte della não atravessa, mas é reflectida.

P. — Os homens são enganados pelas miragens, mas os camelos, não.

A. — Como é que elles não se enganam?

P. — De certo é pelo olfacto. Não apressam o passo até que sintam o cheiro da verdura do oasis e o frescor das suas aguas.

Phenomenos devidos á *miragem* dão-se tambem nos mares.

A. — Que é que se vê nos mares?

P. — Nos mares, mas especialmente entre a Italia e a Sicilia, vêem-se navios, palacios, torres etc. Os ignorantes do logar attribuem o phenomeno a uma fada que chamam Fada Morgano.

**Ensinando se aprende; e os discipulos
aprendem muito uns dos outros.**



RESENHA PEDAGOGICA

“TESTS”

Depois do curso de psychotechnica, do illustre professor Pieron, da Sorbonne, e das conferencias do Dr. C. A. Baker, lente de Methodologia e Psychologia do Collegio do Rio de Janeiro, sobre a questão dos “tests” e o movimento universal pela sua implantação, impôz-se-nos a necessidade de, registando, em resumpta, a valiosa contribuição dos dois eminentes mestres, expender algumas considerações referentes a esse movimento scientifico que se vae extendendo em pról da adaptação dos processos psychotechnicos na escola.

O “test” (1) pedagogico, visa, segundo a propria linguagem do Dr. Baker, dar maior precisão scientifica á organização do ensino, á sua dosagem e verificação dos resultados. O emprego dessa próva, porém, não se faz sem um aparelhamento necessario, já que se tem de estabelecer meios de experiencias e processos de julgar sobre um alumno para, da melhor fórma, influir na formação e no desenvolvimento definitivo dessa energia nascente, dirigindo-a, disciplinando-a e estimulando-a para um conhecimento cada vez mais completo do mundo exterior, de fórma a que ella se adapte a elle com melhor resultado.

A questão implica, como se vê, especiaes cuidados de technica, conhecimentos não só psychologicos e pedagogicos,

(1) — Em nossa lingua, “test” quer dizer *próva, criterio, meio de experiencia ou julgamento*. Eduardo Claparède, prof. de Psychologia Experimental na Universidade de Genebra, define: “On donne le nom de “test” aux épreuves ayant pour objet la détermination d’un caractère psychique ou physique d’un individu.” (*Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers*; Paris, 1924.)

além dum seguro critério orientador, especialmente na introdução dos trabalhos, adaptação das escalas e medidas, estalagem e classificação. A função do mestre torna-se mais séria, mais scientifica e experimental, porquanto não lhe basta, como pensam alguns innovadores, pôr á disposição do alumno elementos de saber correspondente á idade e aptidões do mesmo: é preciso ajudal-o a assimilar, mediante a creação de instrumentos de trabalho constantemente aperfeiçoados por questionarios que orientem com segurança absoluta a imaginação e o raciocinio do alumno para a verdade que elle tem que descobrir. (2)

Eis ahí a grande difficuldade. O valor das "próvas," das medidas das funções mentaes (*mental tests*) da determinação dos perfis psychologicos etc., está em que as mesmas sejam applicadas com segurança e para o seu justo fim de revelar o gráo de adeantamento em noções que vae adquirindo o alumno, determinar e avaliar o seu character, as propensões, os desequilibrios e as aptidões que se radicam em seu psychismo.

Ora, isso não é facil e exige do professor um preparo e um aparelhamento especiaes, umá quasi refórma da velha psychologia pela adopção do methodo experimental.

Um illustre pedagogo, tratando do emprego dos "tests" nas escolas do Districto Federal, depois de se estender em considerações sensatas sobre o cuidado que exige o seu emprego, depois de considerar sobre a necessidade dum aparelhamento mais adequado, assim conclúe: "o convivio do mestre e a sua observação *in spontaneo* — vale muito mais que qualquer formula ou regra estabelecida *in genere*, principalmente porque taes formulas em geral não representam sinão o pendor subjectivo dos adultos que as plasmam ou constróem." (3)

São os seguintes os principios em que o prof. Barker resumiu as bases para a organização e applicação dos "tests" pedagogicos:

(2) — Montassut — "*Los Cursos de Vacaciones en el Instituto Juan Jacobo Rousseau*" — Juizo de conjunto das conferencias realizadas por Claparède, fundador do Instituto, e Pierre Bovet.

(3) — "*A Escola*," n.º 16, an. II; pags. 161, 162, 163 e 164 — "*Test*," por Nelson Roméro.

1.º — *O “test” tem que sêr uma medida do que se pretende medir, e daquillo que se pôde medir.*

Este principio pôde parecer um truismo; mas a complexidade das operações do espirito é tal que, muitas vezes, os professores começam a confundir a natureza das proprias medidas, embaraçam-se no julgar os resultados e descrêem logo do valor dos “tests.” E’ preciso distinguir, por exemplo, entre as “medidas de intelligencia,” propriamente ditas, e as de “escolaridade” ou aprendizado escolar. E’ necessario saber ainda si o material escolhido se exerce no sentido da apreciação do phenomeno que se quer avaliar, e até que ponto esse phenomeno se pôde exercer. Os professores devem ainda verificar si as condições da experiencia são reaes ou ficticias, si geraes e humanas, ou especiaes nas condições particulares dum laboratorio.

2.º — *A materia do “test” deve sêr, tanto quanto possivel, livre de subjectivismo por parte do julgador e do individuo sujeito.*

Isto quer dizer: que as escalas devem estar de tal fôrma organizadas, que os julgadores não tenham de intervir com a sua apreciação sentimental ou intellectual, fóra do que se pede. Os “tests” de resposta alternativa procuram evitar este mal, pedindo uma resposta “sim” ou “não” ao alumno; mas nem sempre será possivel obtel-os para todos os grãos e disciplinas. Para uma estalonagem objectiva será preciso grandes cuidados. O conhecido especialista americano Thorndike lembra que a melhor maneira será a de estabelecer o conselho da opinião de competentes, em cada caso. Elle mesmo deu próva disso, quando procurou graduar próvas de calligraphia e desenho, pedindo milhares de próvas dos mais diversos individuos, e procurando submettel-as a juizes competentes. Outras fôrmas serão as de recorrer a processos estatísticos, em que se procurará uma base ou padrão universal, ou a média mais reduzida num grupo. Numa como noutra, a noção do “mediano” é importantissima. Sobre ella é que se terá de estabelecer uma relação de pontos maiores e menores, por comparações successivas. Essa gradação poderá sêr por pontos de 0 a 100, por letras, ou outras tabellas equivalentes. A gradação será muitas vezes relativa a

um grupo particular de individuos, duma cidade, duma região. Nas cidades de Detroit e Cleveland, nos Estados Unidos, esse trabalho já chegou a uma perfeição admiravel, permittindo resultados muitos apreciaveis e satisfactorios. A correlação quanto ás edades chronologicas tambem é condição importantissima. Os primeiros "tests" vulgarizados como os de Binet-Simon, se fundam nessa correlação. Ahi mesmo, porém, será preciso estabelecer-se as porcentagens, com indices como os de intelligencia e perspicacia, posição relativa na escala etc. A divisão por decimos de gradação poderá offerecer vantagens, neste particular, e especialmente para o trabalho da homogeneização das classes, cuja falta como todos os professores o reconhecem é, nas escolas em geral, uma das causas do atrazo do ensino. Numa classe de alumnos fortes, que a dominam como chefes, os alumnos mais fracos, embora não retardados, soffrem muitas vezes uma acção deprimente de character, que mais tarde se reflectirá na vida pratica.

3.º — *Os limites da apreciação dos "tests" têm que sêr bem definidos.*

Isto significa que as escalas devem estabelecer limites inferiores e superiores que não sejam jámais atingidos de modo absoluto; porque, si o forem, desaparece a noção de correlação para os que atingirem os pontos extremos. Evidentemente, esses pontos não podem sêr absurdos, têm que sêr determinados empiricamente, por experiencias successivas.

4.º — *A materia dos "tests" deve sêr nova para os alumnos, mas deve estar dentro dos limites de sua experiencia.*

Em se tratando dos "tests" para medida de escolaridade, este principio é evidente. Si se appella para conhecimentos já de todo automatizados, não ha medida de esforço ou de apprehensão. Si se pedem noções desconhecidas, não haverá por certo medida do que se quer. Si se pretende justamenté medir a experiencia do alumno num determinado turno, teremos que dar-lhe questões que estejam na sua possivel experiencia.

5.º — *Finalmente, o "test" deve offerecer próva de seu valor.*

Esse valor tem que sêr estabelecido empiricamente, pois ninguém haverá no mundo, mesmo entre os maiores especialistas que possa determinar de antemão a correlação dos resultados, por meios puramente racionais ou theoreticos. Para a verificação experimental, deve-se appellar para o consenso dos entendidos, para a correlação dos julgamentos pessoais dos alumnos, por parte dos professores (o que aliás é de resultados muito inseguros) e mais, fundamente, na apreciação das "curvas de frequencia."

Insistindo sobre o cuidado especial com que se deve organizar um serviço de "tests," dentro das bases acima enumeradas, o prof. Barker procurou em sua segunda e ultima conferencia sobre "*Tests pedagogicos*" (*mental tests*) fixar os principios praticos do trabalho da applicação dos mesmos, seu julgamento e correlações possiveis com outros modos de classificação dos alumnos em classe, demorando-se em examinar o assumpto, quanto ao preparo e padronagem dos "tests" de intelligencia.

Eis os principios em que resumiu esta parte:

1.º — *O primeiro ponto a levar em conta é que o "test" deve basear-se nos factos da vida mental e psycho-physiologica.*

2.º — *As tentativas preliminares de organização e ajustamento necessitam muitas vezes de correções empiricas; pela verificação do valor dos "medianos" em grupos homogeneos.*

3.º — *Deve-se distinguir claramente entre "tests" de avaliação de idade mental, como os de Binet, ou de indice de intelligencia, como a escola de Otis.*

4.º — *Os caracteristicos mais importantes e indispensaveis para um "test" de intelligencia são:*

a) O "test" de intelligencia deve correlacionar-se intimamente com um padrão obtido com o maior criterio; b) o "test" deve sêr organizado de tal maneira que prove a intelligencia dos conhecimentos adquiridos na escola etc.; c) o "test" deve medir um numero de capacidades, ou um resumo dellas; d) o "test" deve medir um numero de capacidades disseminadas pela vida total da pessoa; e) o "test" deve medir as capacidades para as quaes têm havido oportunidades eguaes para o desenvolvimento; f) além de mostrar que os problemas

estejam localizados correctamente para cada anno, a escola em geral deve mostrar porcentagem crescente de respostas para cada anno.

* * *

A EDUCAÇÃO DA RUA

Na sua fervorosa propaganda em prol duma sociedade mais humana e mais digna em seus destinos, o ponto que tem preoccupado a nobre e esforçada educadora lusitana Maria O'Neil, é o que se refere á *educação da rua*.

Considerando-o pelo seu enorme alcance social, em todas as suas conferencias, não deixa de expôr com elevada intuição, o que ella julga sêr as bases dum plano facil de execução e de exito garantido na solução do magno problema, Ninguem melhor, diz ella, do que as proprias crianças para pô-lo em pratica. Os escoteiros, por exemplo.

Em determinados dias iriam elles, tambor á frente, fazer exercicio para qualquer praça ou arrabalde da cidade. Claro que as crianças e os rapazes que constituem a rua, não deixariam de os seguir, como seguem sempre todos que marcham ou que envergam fardas. Acampando proximo de agua corrente, dar-lhes-iam noções de hygiene, de asseio, que elles nunca tiveram; ensinar-lhes-iam os seus mandamentos e exercicios. Si a "parada" se realizar junto dum monumento, explicar-lhes-iam a significação do mesmo, o que elle representa e o seu testemunho. Num jardim, inculcar-lhes-iam o amor ás plantas e a razão porque se deve cultivar e defender as arvores.

Tudo seria motivo opportuno para uma lição, mesmo os proprios nomes das ruas e os seus factos singulares.

O mestre como guia, cingir-se-á apenas em acompanhal-os escolhendo as melhores oportunidades, afim de que as lições produzam os effeitos desejados.

Os exemplos desta fórma ministrados, incitam, suggestionam, porquanto a vida da criança é toda feita de impulsos ou reflexos; se desenvolve e se aperfeiçoa á custa de imitações.

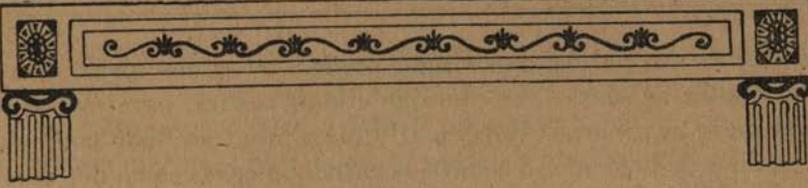
Importa, pois, fazer do exemplo o que de facto elle é: — um grande factor de educação, creando por elle, no individuo, o sentimento de obediencia, de ordem, de perseverança nos moldes do trabalho, de robustecimento moral, de amor á Patria, á natureza, emfim, o entusiasmo evolutivo que os tornará cidadãos perfeitos.

As *excursões escolares*, os *exercícios*, as *marchas e passeatas*, quando empregados para esse fim, como plano educativo, são duma efficacia certa. As crianças das ruas sentem-se como que attrahidas naturalmente ao convivio das instituições escolares e civicas; ellas adherem por si ao gremio das outras crianças.

Desta fórmula, tão simples, crê a illustre evangelizadora, a educação da rua se fará com rapidez maravilhosa, pois que a criança tem na criança uma influencia muito maior do que o homem, e o poder do desejo de imitação é muito forte nella.



O alumno aprende melhor o que elle descobre pelo esforço de sua intelligencia que o que se lhe diz.



LITERATURA INFANTIL

Em homenagem a João Köpke — o professor emérito, a quem muitíssimo deve a Escola Brasileira; em honra ao maravilhoso cultor de intelligencias, “que sabia revelar o conhecimento das coisas com claridade e alegria,” abrimos hoje esta secção com quatro das bellas paginas que escreveu para as crianças.

O LENHADOR E A MORTE

(Das FABULAS DRAMATIZADAS — livro inedito.)

SCENARIO — *Estrada através de espessa floresta*

SCENA UNICA

O LENHADOR — (*entrando, curvado ao peso do feixe de lenha, que traz ás costas.*) Senhor Deus dos desgraçados, onde estaes vós, Senhor Deus? . . . Estaes em toda a parte, disse-me, quando eu andava á escola de domingo, o catecismo, que decorei. Estaes em toda a parte e não vêdes que uns soffrem e outros gozam, sendo todos vossos filhos? Que justiça é essa, que reparte quinhões deseguaes? Ai! Ai! Não posso mais com esta vida! (*Descansa o feixe no chão e procura endireitar o corpo.*) Olhem só para isto! A' força de peso, esta carcassa velha já não toma geito! Está dizendo ao animal, que a carrega, que é tempo de apodrecer na cova. Ai, ai! . . . Nascer e penar, está ahí a vida do pobre. E eu, quanto penei com a carga de filhos, que me quiz Deus mandar sem pão nenhum para lhes matar a fome! Ainda, noutros tempos, os filhos eram o que hoje não são. Lá está a historia do outro preso na torre: a fome fazia-lhe roer

as carnes dos pulsos, e os filhos, vendo-o nesse desespero, offereciam-lhe as suas — as com que elle os vestira, para que não devorasse as proprias. Hoje, qual! Com o progresso tudo mudou: os filhos de hoje não só comem as carnes aos paes como dos seus ossos fazem botões para a casquilhice dos namoros pelas ruas das cidades! Que allivio é a morte, que todas as canseiras acaba, quando mesmo possa abrir-nos a porta do inferno, que, com certeza não será peór que este, em que tenho vivido!... Ai, peccados meus!... Quando atarei á soga esta pobre besta, cheia de lazeiras e ralada de enfados?... Porque não vens, ó Morte, quebrar estas cadeias, que me prendem, e deixar-me ir seja para onde fôr, comtanto que fuja a tanto soffrer?... Morte! O Morte! vinde: acudi ao reclamo deste triste, que vos chama!

A MORTE — (*apparecendo.*) Chamaste, meu bom velho?

O LENHADOR — (*encarando com ella, tremulo.*) Eu, Senhora?

A MORTE — A menos que os ouvidos me tenham enganado...

O LENHADOR — (*timidamente.*) Não vos chamei, Senhora; não vos chamei... ou, antes, chamei-vos, sim e...

A MORTE — E o que queres de mim, amigo?

O LENHADOR — Bem vêdes, Senhora, que velho que estou! O trabalho já me pesa de mais. Nos bons tempos da mocidade, quando era outro, tudo arrotei sem a ninguem incommodar. Mas os annos gastam; as forças exgotam-se; o que era robustez e saúde faz-se fraqueza e achaques. O feixe, que trazia ás costas, desci-o ao chão para descansar um pouco e agora, que se vae fazendo noite, quero trazel-o de novo a riba e os braços frouxos não o podem levantar. Chamei-vos, então, Senhora, atrevi-me a chamar-vos para...

A MORTE — (*Interrompendo.*) Para ajudar-te a pôr ás costas o teu feixe, não é verdade?

O LENHADOR — Isso mesmo, Senhora, isso mesmo. Desculpae-me o atrevimento e que Deus, Nosso Senhor, vos dê a paga.

A MORTE — (*ajudando a pôr o feixe ás costas.*) Tens razão, bom velho: a carga não pesa pouco.

O LENHADOR — Outras mais pesadas ha, minha Senhora, e a gente as aguenta, porque não deve fugir ao que Deus determinou. Muito agradecido! Muito agradecido!

A MORTE — Não por isso, meu velho. E sempre que de mim precisares, nada de ceçemonias.

O LENHADOR — Beijo-vos as mãos pela vossa grande bondade, minha Senhora, mas agora espero não tornar a vê-vos tão cedo incommodar-se por amor de mim.

A MORTE — Não se constranja e lembre-se de que eu sou um allivio para todos os males.

O LENHADOR — Sei, Senhora; estou bem certo disso. Mas não vos parece, Senhora, que melhor de tudo é ir a gallinha vivendo com a sua pevide?

A MORTE — São opiniões: o outro não sabia si o melhor é supportar os golpes da sorte ultrajante ou si pegar em armas contra um mar de afflicções e, pondo-lhes peito, extinguil-as.

O LENHADOR — Isso era o outro, minha Senhora. Eu, por mim, prefiro continuar cá no chão firme com o meu feixinho ás costas, a metter-me á bulha com o mar, arriscando afogar-me. Viva a gallinha com a sua pevide, que, para morrer, não falta tempo. Obrigadinho, minha Senhora, que cá me vou na minha lida. Muito obrigadinho!

A MORTE — Não por isso, bom velho! E até á primeira. (Sáe.)

O LENHADOR — Que não seja breve, minha Senhora; esta carcassa velha não vale a pena o incommodo. (Sáe, gemendo ao peso do feixe, que o obriga a curvar-se.)



CANTIGA DA CHUVA

Minha mãe chama-se nuvem;
Chama-se vento, o meu pae;
E' meu filho o Regato,
Que correndo lá se vae.
E' a Serra, minha filha;
O Arco-Iris, o meu sorriso;
E a terra, que me recebe
No seio, o meu Paraiso.

Só o Homem é que, por vezes,
Faz que me julgue infeliz,
Pois fraqueja, si lhe falto,
E, si venho, me maldiz.
Mas, como eu, quantos no mundo
Por bem fazer, são malditos
E, por amor dos ingratos,
Passam transes inauditos?



ALGUMA DE CHICO !

(Das PRIMEIRAS LEITURAS — livro inedito.)

Chi!... O vovô está zangado devéras mesmo!

Olhe a cara delle.

Está olhando para Chico com cada olho!

E Chico, coitado, com os olhos no chão.

Até parece que, de medo, o nariz de Chico ficou mais comprido.

O peór é que o vovô está com as mãos atrás das costas.

Quem sabe lá si elle não está com uma vara escondida?

Quem sabe lá si elle não vae pregar uma sova no Chico?

Pobre do Chico!

Que seria que elle fez, o pobre?

De certo não foi uma coisa á tôa.

O vovô é muito bomzinho e não se zanga por uma coisa á tôa.

Vão vêr que Chico fez alguma travessura grande.

Fez, sim.

Olhe lá o topetezinho da careca do vovô!

Está todo arrepiado!

E' signal de que elle está com uma raiva damnada.

Chico é um pequeno levado.

Sabe o que elle fez outro dia?

Pegou na caixa de rapé do mestre e botou pimenta dentro.

Quando o mestre tomou uma pitada, coitado, foi um pagode.

O nariz delle ficou ardendo que nem fogo.

Os olhos não acabavam mais de chorar, e elle de espirrar.

Os camaradas do Chico não disseram nada ao pae delle.

E eu tambem não disse. Para que?

E' feio a gente contar as travessuras dos outros.

Mas agora não sei mesmo o que foi que o Chico fez.

Quem mandou fazer?

Elle que se arranje lá com o vovô.

Quem é levado, que se aperte. Não?

ERA UMA VEZ...

Era uma vez
Uma velhinha,
Que se chamava
Fio de Voz.
Ella morava
Numa casinha,
Que se chamava
Casca de Noz.
Veiu um homão
Com um barbão
Mais uma boca,
Que arreganhou
Para a velhinha
Pequetitinha,
E, duma vez,
Logo a papou!

JOÃO KÖPKE.

**ENTARDECER...**

Cantam vespersas as cigarras e arrulam tristemente as rolas. Começam a desbotar as côres vivas do céu e todo o ouro do sol accumula-se no occidente, como o trigo duma ceifa á porta do paiol. Fluctuam leves, diaphanas, as primeiras brumas. Esfria.

Lentamente, cada qual no seu trilho, uns descendo dos montes, que escurecem, outros á frente dos carros da lavoura, pampilho ao hombro afalando, de vez em vez, aos tardos bois;

ainda outros, em grupos, com alcofas e instrumentos rusticos; mulheres com a trouxa na cabeça; crianças abarcando feixes de ramalho, recolhem-se os trabalhadores rusticos.

Fumam palhiços entre as arvores; ringe a roda da azenha remorando e as aguas correm com mais pressa, livres. Brilha a primeira estrella e, no recolhimento da natureza, sôa brando, nostalgico, religioso o sino da ermida aldeã.

Alguns detêm-se constrictos, como no quadro de Millet; outros proseguem cantando e a paisagem emmudece deserta.

A espaço um boi muge, ladra um cão, uma voz ecôa nas quebradas.

Um retardatario caminha vagaroso por entre as silvas que rescendem. Pára um instante, olha o céu pallido. . . Mas a vista da casa, que branqueia, á distancia, a lembrança do lume alegre, a idéa do jantar que o espera com a traquinice garrula dos filhos, o sorriso da mulher, depois á noite em bom agazalho, a ouvir o vento nas ramas até que chegue o somno e a certeza do amanhã, fazem-lhe esquecer, sem saudade, o dia que se apaga, e ainda ha um resto de claridade e já o ingrato, passando por uma choça amiga, diz para os moradores: boa noite!

COELHO NETTO.



O CARROCEIRO, O BURRO E O CÃO

(Adaptação da fabula de Ph. Lebesgue — *L'âne et le chien*)

Por uma estrada puxa uma carroça
Um miseravel burro lazarento,
Com muito frio e saraivada grossa,
A muito custo e passo muito lento.

De regelado pelo frio cortante,
Falto de forças, não andava a trote;
Por isso o carroceiro a cada instante
O fustigava a golpes de chicote...

O tempo máo! A estrada muito má!
E o pobre burro, soffredor e mudo,
Já tão batido e alquebrado já,
Mal caminhava tropeçando em tudo.

Eis sinão quando arqueja pelo dorso,
Tiritando de frio, quasi exangue;
Dá o ultimo arranco do seu esforço,
E cáe no chão prostrado a escorrer sangue!

O carroceiro brutal, sem piedade,
Sem vêr que o burro estava moribundo,
Inda augmentou a furia e crueldade
Sovando-o e gritando-lhe iracundo:

Levanta-te, diabo! E's uma pasta
De lama! Queres? Pódes ir no enxurro
Deste aguaceiro d'hoje!... Não te basta,
Manhoso, andar a passo?! Arre, burro!...

E vergastando-o sempre com o cabo
Do chicote, como elle não se erguesse,
Arrasta-o, estica-o, puxa-o pelo rabo,
E diz até ao cão... que lhe mordesse!

Ora o cão, seu amigo e compânheiro,
Que tambem o sabia desditoso,
Fiel e humilde ao dono, mas primeiro,
E mais que tudo, bom e generoso,

O cão chega-se ao pé e pára absorto;
Depois ganindo, commovido, ao vê-lo
Sem movimentos, retezado e morto,
Deita-se ao lado... e fica-se a lambel-o....

*Ha homens taes,
Assim sem coração
Sem sentimento algum d'humanidade!
A quem os animaes
Como este cão
Conseguem dar exemplos de bondade!*



SCENARIOS DO SUL

Nas manhãs de geada o campo é uma toalha branca. Plâncies, restingas e chapadas desaparecem na hybernia das madrugadas cortantes. Em toda a existencia afanosa do pampa a vida é outra, os aspectos são inteiramente outros, accentuando ao vivo, num flagrante que chóca, a brutalidade do contraste entre duas primaveras no Brasil — a do Amazonas e a do Rio Grande: uma, exuberante e eterna; outra, incerta e ephemera.

Olhando em todas as suas minucias, nas mais intimas insignificancias dos seus tons e traços, o quadro immenso que nos cerca carece de belleza e de luz, achata-se á mingua de harmonia esthetica; é falho de movimento, de graça, de colorido, de impetuosidade.

E' uma paizagem morta.

Ha em tudò, de facto, sorrisos reconditos e amargos duma natureza desfallecida, açoitada pelo frio das rajadas impetuosas. Tudo é indeciso e vago; o que predomina é a sombra densa e nostalgica, o espancamento continuo da luz, a restricção dos

horizontes largos. Mal se desencapota o céu, e elle já de novo velado por um insistente tumultuar de nuvens erradias. O escampo tem um aspecto soturno de solidão perpetua, inalteravel, quebrada de quando em quando pelo estrepito do gado; é um deserto envolto nas cinzas dos crepusculos interminaveis.

Quem ama as linhas claras, os traços definidos e exactos das paizagens de sol, certo se sensibiliza com essas manchas pesadas de agosto, tocadas de quando em vez pela luz mal coada dos poentes evocativos, á hora em que o minuano corta, sibilante, os descampados ermos. Pedacos de verdes campinas, canhadas e rincões, tão familiares á belleza nomade da terra, se transformam em esfumados latifundios onde genios esquivos pairam na provocadora tristeza das matinas campestres.

ROQUE CALLAJE.



ANCHIETA

Cavalleiro de mystica aventura,
Heróe christão, nas provações atrozes
Sonhas, casando a tua voz ás vozes
Dos ventos e dos rios na espessura.

Entrando as brenhas, teu amor procura
Os indios, — ora filhos, ora algozes,
Aves pela innocenciá, e onças ferozes
Pela bruteza, na floresta escura.

Semeador de esperanças e chimeras,
Bandeirante de "entradas" mais suaves,
Nos espinhos a carne dilaceras;

E porque as almas e os sertões desbraves,
Cantas: Orpheu humanizando as feras,
São Francisco de Assis pregando ás aves...

OLAVO BILAC.

O JARDIM DA VOVÓ

XIII

— Que belleza! disse Lulú, observando da janella uma paineira em flôr. Poderá haver coisa mais linda?

— Só si fôr você, meu amor, respondeu sorrindo a vovó.

— Mas, não é mesmo um encanto?! Eu não sei quando a nossa paineira é mais linda: si no tempo em que contrasta o rosado de suas petalas com o azul do céu, ou si na época em que dos seus galhos semi-nús solta ao vento flócos brancos como neve, ou ainda quando pelos seus verdejantes rebentos annuncia a primavera.

— Tem razão. E' sempre linda! E ha tanta gente que não vê essa belleza! Uns, porque não têm tempo para parar e observar-a; outros, porque não podem ou não querem vê-la.

Tudo na natureza é bello, ou tem alguma coisa de bello — mas é preciso querer vêr para achar essa perfeição.

Observemos uma arvore e vejamos, além da sua belleza, quanto ensinamento encerra!

Silenciosamente, suas verdes folhas aspiram o ar de que se nutrem os rebentos, galhos, caule e raizes. Maravilhosa chimica da natureza! A folha retira da atmosphaera seu precioso alimento, do sol a sua melhor propriedade, e fórma substancias indispensaveis á vida. A folha é muita vez, pão para a mesa, forragem para o animal... A morte da arvore é velocidade para a locomotiva, lenha para o fogão, luz para a cidade. As duas principaes coisas para a nossa existencia — fogo e alimento — vêm duma arvore.

Quando vemos uma folha cair, pensamos que terminou sua missão. Não! Continuará o seu util trabalho. Do galho donde protegia do sol ardente as delicadas flôres e das intemperies, os delicados ninhos, desses galhos, dos quaes era a vida, cáe ao chão para encetar novo trabalho fecundando a terra.

Olhe agora ao redór da sala em que estamos. A cadeira em que descansamos, o soalho sobre o qual pisamos, a janella através da qual contemplamos as bellezas da natureza, o papel sobre o qual escrevemos, a caneta que usamos, tudo isto veiu da arvore, que uma vez foi parte da floresta.

E qual a origem da arvore?

Uma coisa pequenina, insignificante — uma semente.

Talvez um passaro calcando o sólo humido com sua delicada patinha, ahi deixasse plantada uma semente; talvez, no seu arrojado vôo a deixasse cair; ou talvez ainda, pousando num galhinho para descansar as debeis asas, sacudisse a capsula donde se desprende a semente. Como quer que fôsse, contribuiu para a vida da arvore, e favoreceu a existencia da floresta.

Pequena e insignificante é a semente! Algumas ha tão pequeninas e tão semelhantes que só mesmo o microscopio póde revelar suas differenças. Mas estas mesmas insignificantes sementinhas desabrochando na escuridão, extendendo ao longe suas radículas pelo sólo duro, tornam-se depois arvores gigantescas, das quaes o homem obtem madeira para suas edificações, adubo para suas flôres, calor para seu lar, suas fabricas e locomotivas; fibras para seus tecidos; allivio para seu soffrimento; novo ar para os seus pulmões.



LAVRADOR

Este é o bom lavrador, honesto e satisfeito,

Sem a torpe malicia e a hypocrita fineza.

Pés no chão, braços nús, camisa aberta ao peito,

Goza — amando á familia e amando á Natureza.

Tem uma religião a que vive sujeito:

E' a do amor ao trabalho e a do amor á franqueza.

O seu lar é um santuario onde tudo é respeito,

E' alegria, é ventura, é amizade, é pureza.

Venerando o passado e saudando o futuro,

Beija a terra em que vive, ama a terra que arranja

Para berço da flôr e do fruto maduro.

Alma simples e boa, alma eterna embebida

Na conquista do pão, alma que não esbanja

Nas delicias do sonho a energia da vida...

ARISTÊO SEIXAS.



ESCOTISMO

INSTRUÇÕES

Continuamos a publicar, para uniformidade do ensino, baseando-nos nas instruções do Estado-maior do Exército, que é a única instituição militar legal no paiz, as instruções sobre os exercicios e movimentos de infantaria, que os escoteiros devem conhecer, indispensaveis para lhes dar habitos varonis e de ordem, e apparencia esthetica ao conjunto.

1) SENTI-DO!

O escoteiro, com a frente voltada para o ponto indicado, fica immovel e em silencio. Os calcanhares tão unidos quanto o permittir a conformação physica de cada um, as pontas dos pés voltadas para fóra, de modo que formem um angulo pouco menor que o recto; o corpo, ligeiramente inclinado para a frente, de modo que seu peso fique distribuido igualmente sobre os calcanhares e as plantas dos pés; os joelhos, ligeiramente estendidos; a parte superior do corpo levantada, tornando o peito saliente, com os hombros na mesma altura e um pouco para traz, mas sem esforço. Os braços, naturalmente cahidos e ligeiramente curvos, com os cotovelos um pouco para a frente; as mãos tocando levemente a parte superior da côxa, com os bordos das palmas e as pontas dos dedos; estes unidos e curvos naturalmente, correspondendo o medio á costura das calças; o pescoço desembaraçado das espaduas, a cabeça erguida, o queixo ligeiramente approximado do pescoço e o olhar fixo para a frente.

2) DESCAN-SAR!

A esta voz, o escoteiro leva o *pé esquerdo*, energicamente, um pouco para a frente e conserva o outro no alinhamento, podendo, porém, inverter depois as posições dos pés. Fica dispensado de conservar a primitiva immobilitade. É esta a posição que toma o escoteiro quando entra em fôrma.

A' voz de — *senti-do!* — que tem por fim chamar a atenção da tropa, o escoteiro toma a posição n. 1, batendo fortemente o calcanhar do pé mais avançado no do outro. Si fôr dada uma voz de advertencia, sem que antes se tenha mandado — *senti-do!* — o escoteiro por si mesmo tomará essa posição.

3) MARCHAS

Fazem-se no passo *ordinario* e em passo *sem cadencia*.

4) ORDINARIO-MARCHA!

Leva-se o pé esquerdo para a frente assentando-o primeiramente com o calcanhar, sem bater, a 75 centímetros do pé direito, cujo calcanhar se eleva, fazendo o peso do corpo recair sobre o pé esquerdo. Leva-se, em seguida, o pé direito para a frente, collocando-o na mesma distancia e da mesma maneira que o esquerdo. Continúa-se assim a marcha, avançando em linha recta, perpendicularmente á linha dos hombros e sem cruzar as pernas; a cabeça deve-se conservar levantada e os braços devem oscillar naturalmente. A grandeza do passo conta-se de um calcanhar a outro, e a velocidade é de 120 passos por minuto.

5) MARCAR-PASSO!

O soldado, parado ou em marcha, marca a cadencia do passo, pisando sem levantar muito os joelhos e sem bater demasiadamente com os pés, oscillando ligeiramente os braços.

Quando está marcando passo, deve sêr dada a voz de *alto*, ao assentar o pé direito no sólo; marca-se um passo com o pé esquerdo e une-se, em seguida, o direito a este.

6) EM FRENTE!

A voz de execução deve sêr dada quando o pé esquerdo assenta no terreno; marca-se ainda um passo com o pé direito, rompendo depois a marcha com o esquerdo em passo ordinario.

7) TROCAR-PASSO!

O escoteiro leva o pé que está atrás para o lado do que acaba de tocar o chão, e torna a partir com este ultimo pé; este movimento deve sêr feito com vivacidade e o escoteiro deve executal-o independente de ordem, para acertar o passo com o dos camaradas.

8) SEM CADENCIA-MARCHE!

Estando a tropa em marcha em passo ordinario, para lhe dar maior commodidade, se mandará: — *Sem cadencia-marche!* O escoteiro tomará o passo que mais convier á sua conformação e ao terreno, e marchará mais á vontade, sem as exigencias da cadencia, mas sem se atrazar na marcha e conservando attitudes correctas. Para romper a marcha com este passo, se mandará: — *Sem cadencia-marche!* e para passar deste passo ao ordinario, dá-se a voz: — *Ordinario-marche!*

Nas marchas em columna de estrada, á voz — *Passo de estrada!* o escoteiro não tem mais a obrigação de conservar a correcção de attitude; pôde conversar, mas deve ter a preocupação de manter a regularidade do andar. Retoma-se o passo cadenciado á voz: — *Ordinario-marche!*

9) ALTO!

No passo ordinario, a voz deve sêr dada quando o pé direito assentar no terreno. O pé esquerdo vae á frente um passo e o direito une-se a elle com energia, batendo fortemente os calcanhares. No passo sem cadencia, á voz de: — *Alto!* o escoteiro dá mais um passo e une com energia o pé que está á rectaguarda ao lado da frente.

10) ACCELERADO-MARCHE!

A' voz de advertencia, o escoteiro levanta os ante-braços, encostando-os levemente ao corpo e formando com os braços angulos approximadamente rectos; as mãos fechadas sem esforço e um pouco voltadas para dentro, com o pollegar para cima. A' voz de execução, corre sem precipitação, partindo com o pé esquerdo, movendo os braços naturalmente para a frente e para traz, sem afastal-os do corpo. A' grandeza do passo será, conforme o terreno, de 75 centimetros a 80, e a cadencia de 170 passos a 180 por minuto. Si estiver marchando sem cadencia, se mandará, antes da voz — *Accelerado-marche!* passar ao passo ordinario. Á voz de — *Alto!* o escoteiro dá mais tres passos em acelerado e pára, unindo o pé que está á rectaguarda ao da frente. Á voz — *Ordinario-marche!* dá mais tres passos em acelerado e prosegue no passo ordinario.

11) MARCHE-MARCHE!

Os escoteiros correm com a maior velocidade que lhes fôr possível, mas, sem debandar; dahi passarão para o passo sem cadencia á voz — *Sem cadencia-marche!* — ou interrompem a marcha á voz de — *Alto!*

12) VOLTAS

Fazem-se a pé firme e em marcha. (Quando com arma, o escoteiro tomará a posição de — *Arma suspensa*, á voz de advertencia.)

13) DIREITA-VOLVER!

Á voz de execução, se voltará, para o lado indicado, de um quarto de circulo, sobre o calcanhar do pé direito e a planta do pé esquerdo e terminada a volta assenta-se a planta do pé direito no chão; une-se depois o pé esquerdo ao direito, batendo fortemente os calcanhares.

Para volver á esquerda — *Esquerda-volver!* — se procederá de modo identico, mas, sobre o calcanhar esquerdo e a planta do pé direito.

14) MEIA VOLTA-VOLVER!

Á voz de execução, volve-se pela esquerda sobre o calcanhar esquerdo e a planta do pé direito, até mudar a frente para a rectaguarda e terminando a volta assenta-se a planta do pé esquerdo no chão; une-se o pé direito ao esquerdo, batendo fortemente os calcanhares.

15) OITAVO Á DIREITA (esquerda) — VOLVER!

Executa-se do mesmo modo que — *Direita-volver!* mas a volta é apenas de 45 grãos. Si o movimento fôr pela esquerda, executa-se como — *Esquerda-volver!*

EM MARCHA

16) DIREITA (esquerda) — VOLVER!

A voz de execução deve sêr dada ao assentar em terra o pé direito (esquerdo); o pé esquerdo (direito) vae á frente do corpo um passo e volve-se á direita (esquerda) sobre a planta do pé esquerdo (direito) proseguindo a marcha com o pé direito (esquerdo) na nova direcção.

17) OITAVO Á DIREITA (esquerda) — VOLVER!

Executa-se segundo os mesmos princípios, mas a rotação é apenas de 45 grãos.

18) MEIA VOLTA-VOLVER!

A voz de execução deve sêr dada ao assentar o pé esquerdo; o pé direito vae á frente do corpo ainda um passo; gira-se vivamente pela esquerda sobre as plantas dos dois pés, até mudar a frente para a rectaguarda, e continúa-se a marcha.

19) ALINHAMENTOS

Fazem-se pela *direita*, pelo *centro* e pela *esquerda*.

As vozes são: — *Pela direita-perfilar!* — *Pelo centro-perfilar!* — *Pela esquerda-perfilar!* Alinham-se de tres em tres, a partir da base indicada.

O instructor colloca préviamente na nova linha o homem da *direita* (centro ou esquerda) a não sêr que simplesmente queira rectificar o alinhamento na posição occupada. Em seguida, dá o commando citado acima. Quando armados, os homens tomarão a posição de *Arma suspensa*, á voz — *Perfilar!*

A voz — *Sem intervallo, pela direita* (centro ou esquerda) — *perfilar!* lembra que o intervallo se reduz a 25 centímetros.

Ao commando — *Perfilar!* — os homens collocam o *punho esquerdo fechado*, costas da mão para frente, contra o cinturão, acima do quadril, o cotovelo para a direita e chegam-se para o lado do alinhamento, até sentirem o contacto do cotovelo do vizinho. Ao commando — *Firme!* — descem o braço á posição inicial; volvem a cabeça para a frente e descansam arma.

FORMATURAS DOS ESCOTEIROS

DESFILES

Sempre que entrem em fôrma escoteiros de diversas estaturas, devem sêr dispostos de modo que os menores figurem sempre para a direita.

Não se podem dispôr crianças para a marcha como se dispõem adultos, que, quasi sempre, são do mesmo porte physico.

E' sabido que as pernas se abrem mais ou menos, conforme a altura do individuo; *um par de pernas* equivale a um *compasso maior* ou *menor*, que se abre mais ou menos, conforme o porte do individuo.

Nada ha mais antipedagogico, antiesthetico e sem garbo que um desfile de crianças, com os menores *á rectaguarda* ou *á esquerda*, e os maiores *á frente da columna* ou *á direita*.

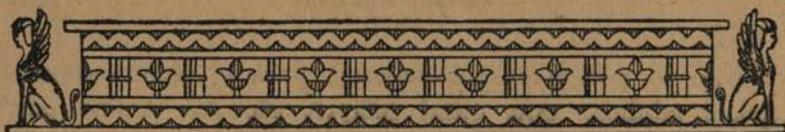
Os maiores, naturalmente, abrem, na marcha, mais os passos que os menores, pois cada um daquelles possúe um *compasso de pernas* maior, que cada um destes ultimos. E o resultado é a desordem na marcha, ou no desfile das ultimas patrulhas; os pequeninos como que vão correndo atraz dos grandes, sem cadencia, e sempre é um fiasco esse desfile e causa má impressão que perdurará, pois as ultimas impressões são as que ficam. Demais, os menores não supportam a resistencia dos maiores; ficam logo estropiados e exaustos.

E', pois, de boa regra a collocação das patrulhas dos menores *á frente*.

Nas excursões, os pequeninos caminharão como quizerem e puderem; facil será o acompanhamento dos maiores.

Nunca se deverá, portanto, fazer o desfile dos escoteiros com os *maiores á frente*.

O que o discipulo puder fazer por si não deve sêr feito pelo mestre, para que este tenha tempo de ensinar o que aquelle não pôde aprender sózinho.



MUSICAS E CANTOS ESCOLARES

A ESCOLA

(LETRA DA MUSICA ANNEXA)

Esta escola é nosso ninho,
Regaço feito de amor;
Tem a graça de um carinho,
A pureza de uma flôr.

Da escola se aprompta e parte
A raça forte e gentil,
Que levará o estandarte
Auri-verde do Brasil! (Côro.)

A escola ensina a verdade,
E da verdade o arreból
Tem a grande claridade
Da luz risonha do sol!

ANTONIO PEIXOTO.



A ESCOLA

Antonio Peixoto

J. Julião

Es - ta es-co-la e nosso ni - nho

Tempo de Valsa

Re - ga - ço fei-to de a-mor Tem a graça de um ca-

ri - nho A pu - re-za de uma flor. Da es-

co - la se a - prompta e par - te a ra - ça forte e gen-

til Que le-va-ra o es-tan-dar - te

Auri ver-de do Bra-sil. . . .

roll. **DC**

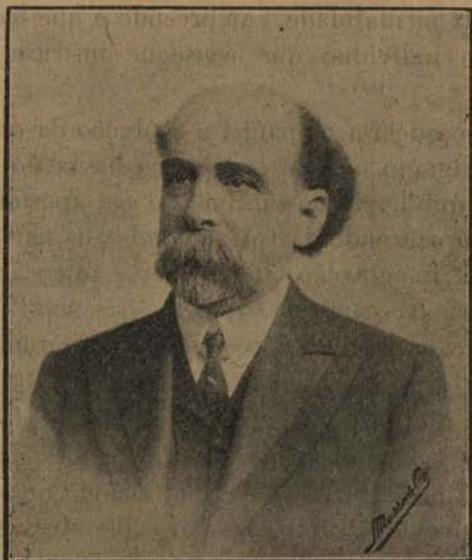
The musical score consists of a vocal line and piano accompaniment. The vocal line has lyrics in Portuguese. The piano accompaniment includes a *roll.* marking and a **DC** (Da Capo) marking. The score is written on a grand staff with a treble clef and a key signature of one flat (B-flat).



VULTOS E FACTOS

GALERIA NACIONAL

(LEITURA PARA AS CLASSES ADEANTADAS)



JOÃO KÖPKE

Foi João Köpe, na phrase de Manoel Victorino Pereira, em pleno Senado Federal — a mais poderosa e notavel organização pedagogica que o Brasil já produziu.

O esforço admiravel com que o grande mestre procurou reagir contra os velhos processos de ensino, falhos e sem base

científica, intentando em seu apostolado didactico, um preparo intelligente da criança, de maneira a lhe despertar o interesse e estimular a espontaneidade, é o que o caracteriza esplendidamente, entre nós, como um precursor.

A sua acção era um verdadeiro curso de methodologia applicada, em que punha toda a fé e o devotamento de um guia, mas de um guia perspicaz e carinhoso, "que procurava na criança o gosto da criança," livrando-a quanto possivel do ensino mecanico, das systematizações pesadas e oppressoras. Já em 1833, a autoridade de Rangel Pestana, alludindo á figura prestigiosa de João Köpe, escrevia: "Só quem estuda a marcha do ensino nos paizes mais adeantados em civilização e conhece as difficuldades de adaptação dos methods aperfeiçoados ao estudo de nossa mentalidade, comprehende o que ha de grandioso e paciente no individuo que consegue instruir assim as crianças."

Só mesmo quem acompanha a evolução da escola é que, de facto, póde julgar o que de evangelico havia no magisterio de João Köpe, o que havia de sublime no seu apostolado, em meio das crianças, procurando dar plasticidade aos seus espiritos, desenvolver-lhes a imaginação, attrair-lhes a attenção pela curiosidade suggestiva das suas lições, pela "sciencia" dos methods que praticava com uma comprehensão verdadeiramente superior.

O alto valor moral da obra de Köpke é o da fidelidade heroica á vocação a que se empenhou com abnegado devotamento, durante toda a sua vida, dando á infancia brasileira uma direcção espiritual mais generosa e mais fecunda que lhe accrescentou indefinidamente o valor humano e lhe abriu as portas dum destino melhor. Não se comprazia em sêr apenas sementeiro. Era mais o jardineiro de almas, que seguia, desde o rebento, a plantinha tenra, cercanda-a dos mil cuidados necessarios para que a mesma, mais tarde, florescesse em belleza e frutificasse em sabedoria.

A sua vida sagrou-a toda pela instrucção, vencendo com a coragem que só mesmo os illuminados possuem, os obices da trabalhosa jornada. Ha passagens das suas lutas, verdadeira-

mente heroicas e sublimes e que bem focalizam a figura moral e elevada do mestre. Aos mais penosos sacrificios, aos mais sérios ataques das necessidades, o mestre oppunha o seu esforço e o seu entusiasmo de apóstolo desinteressado. Onde outros, falsos defensores da causa do ensino, antevisionavam lucros certos, elle via simplesmente um dever a cumprir, uma irresistivel obrigação, á qual se entregava com fé, devotadamente.

Educador da mais ampla envergadura, João Köpke é um exemplo admiravel a sêr lembrado á infancia brasileira. Sua vida é um immenso livro aberto onde refulgem em letras de ouro estas palavras: *fé, abnegação, philantropia, nobreza moral e devotamento patriótico.*

**Falar sem pensar é atirar
sem apontar.**



O «FOLK-LORE» NA ESCOLA

O CANCÃO E A RAPOSA (1)

Passara uma manhã chovendo, e o Cancão, todo molhado, sem poder voar, estava tristemente pousado á beira duma estrada. Veiu a Raposa e levou-o na boca para os filhos.

Mas o caminho era longo e o sol ardente.

Mestre Cancão enxugou-se e começou a cuidar do meio de escapar á Raposa.

Passam perto dum povoado.

Uns meninos que brincavam começam a dirigir desaforos á astuciosa caçadora. Vae o Cancão e fala:

— Comadre Raposa, isto é um desaforo! Eu, si fôsse você, palavra que não aguentava! Ah! . . . não tem duvida, si fôsse eu, passava uma descompostura de mestre nesses moleques! . . .

A Raposa, convencendo-se de que era preciso dar uma lição aos importunos, abre a boca num improperio terrivel contra a criança. O Cancão aproveita o ensejo e vôa, pousa triumphalmente num galho e ajuda a vaial-a . . .

*
**

(1) — A fabula acima é uma variante da de La Fontaine — “O Corvo e a Raposa.” — Registando-a, entre outras, em seu “Depoimento de um nortista” — “Terra de Sol”, escreve João do Norte: — “Quasi sempre essas fabulas são de origem européa, adaptadas aos animaes e ás coisas do sertão; são tambem ás vezes, originarias dos indios, embóra idênticas ás da Europa, porque é facto conhecido que lendas idênticas com determinações diversas são encontradas em toda a parte, desde a Colombia Ingleza e o seu cyclo do Córvo, ao diluvio africano, á Cendrillon, ao Polypheno de “Homero.” (Pag. 264, liv. cit.)

A RAPOSA E O HOMEM

A raposa resolveu, certa vez, troçar com o homem e foi deitar-se no caminho por onde elle devia passar, fingindo-se morta. Vem o homem e vendo-a assim, disse, compadecido: “Coitada da raposa!” Fez uma cóva, enterrou-a cobrindo-a de folhas verdes que apanhou na matta ao lado, e foi-se pelo seu caminho.

Apenas o homem se tinha afastado, o matreiro animal levantou-se e, correndo pelo matto, foi deitar-se outra vez pouco adiante, na estrada, fingindo-se outra vez de morto.

Quando o homem chegou, vendo-a, exclamou: “Outra raposa morta? Coitada!” Arredou-a do caminho com cuidado, e, depois de estender sobre ella um manto de folhas, continuou a sua jornada. Pouco adiante, porém, foi surpreendido com outra raposa morta. Era a mesma que, correndo outra vez pelo cerrado, foi deitar-se adiante, fingindo-se de morta.

O homem, ao vê-la, disse: “Quem terá morto tanta raposa? Será que querem exterminar-as destes mattos?” Pacientemente arredou-a para fóra do caminho para que não fôsse esmagada pelas rodas dalgum carro e foi-se.

A Raposa, porém, estava decidida a exgotar a paciencia do pobre mortal e usando do mesmo stratagemma, foi deitar-se mais adiante, no caminho, como si estivesse morta.

O homem já impacientado com a reproducção daquella scenena, chegou-se a ella e disse: “Que leve o diabo tanta raposa morta!” E, agarrando-a pela ponta da cauda, atirou-a violentamente para o meio dum espinhadeiro emmaranhado.

A Raposa ficou quasi morta, sem se poder livrar dos espinhos e, então, disse, depois de pensar sobre a sua imprudencia:

— “Não se deve nunca abusar da paciencia dos outros!”

SERTANEJA

(LUIZ DELFINO.)

Pelo sapé furado da palhoça
Milhões de astros agarram-se, luzindo;
O pae ha muito madrugou na roça:
A mãe prepara o almoço. O dia é lindo.

Canta a cigarra; o porco cheira; engróssa
O fumo dos tições; anda zunindo
A' porta um maribondo; e fazem troça
As crianças com um ramo o perseguindo.

Correm, chilram, vozeiam, tropeçando
Num velho pote; a mãe zangada ralha,
A avó lhes lança o olhar inquieto e brando.

No chão um gallo ajunta o milho e espalha,
Emquanto a um canto, as plumas arrufando,
Põe a gallinha no jacá de palha.

*
**

LENDA DAS AMAZONAS (2)

Em uma região que não se póde geographicamente precisar, rodeada de rios que não eram navegaveis, sombreada de arvores gigantescas, que nunca foram attingidas pelos arcabuzes dos navegantes aventureiros, habitava uma nação de mulheres bellas e fortes, de estatura elevada e apparencia franca, cabellos negros e longos, olhos grandes e expressivos, de labios grossos e phrase decisiva, que manejavam com a maior destreza o *arco* e o *tacape*.

(2) — Da memoria de Ignacio Moura e Estephano Silva, intitulada "Vultos e Descobrimentos do Brasil e da Amazonia."

Chamam-lhes as *icamiabas*. (3)

Eram uma especie de Attilas femininos: o terror supersticioso ou a valentia do combate daquellas guerreiras fazia com que as outras tribus se deixassem facilmente vencer nas correrias que ellas lhes davam, obrigando assim a todos os povos vizinhos a respeitarem a independencia e o seu viver mysterioso.

Deste modo appareciam ellas em diversos pontos do continente amazonico, travando lutas, ora com outros indios, ora contra os invasores européos, como dizem ter acontecido a Orellana, que lhes chamou simplesmente *amazonas* e sagrou com o nome dellas o mais importante rio do mundo.

Deposta a *flexa*, desarmado o *arco*, *tornaram-se* as *icamiabas* mysticas Pythonisas, um simulacro de vestaes de Roma, adorando a lua, que vivia com ellas, sózinha sem marido nos desertos do espaço, errante e nomade, mudando de phase e não de fórma, scismadora e poetica no seu perenne esplendor.

Peregrinas da mesma fórma, nos desertos do Amazonas, faziam ellas patria do logar donde melhor pudessem adorar a deusa, que lhes determinava a regra da vida e que tinha sobre ellas tão grande influencia no regimen da existencia.

O templo para as expiações era o *Lago Juci-uarúa* (4) donde traziam as *muiraquitans* (5) para offerecerem aos namorados na época propicia...

(3) — *Icamiabas*: — as amazonas.

(3) — *Lago Juci-uarúa*: — lago onde a lua se espelha; espelho da lua.

(5) — *Muiraquitans*: — pedra talisman. Os supersticiosos julgam que o muiraquitans (pedra da lua) preserva de maleficios e desgraças.



NOTICIAS

ORPHEÃO INFANTIL

Commemorando a data de 12 de Outubro, apresentar-se-á, nesse dia, no Theatro Municipal, o Orpheão Infantil, composto de tres mil crianças das nossas escolas. O palco será adaptado de modo a bem accomodar tão numeroso corpo de cantores, talvez o maior que se tenha organizado até aqui.

E' de prevêr o brilhantismo da festa, dada a competencia do seu organizador, o maestro João Gomes Junior, inspector especial de musica nas escolas publicas do Estado, e que não tem poupado esforços no sentido de conseguir os mais surprehendedentes effeitos coraes e a maior disciplina musical do conjunto. Será ainda uma demonstração da efficacia das medidas que a recente refôrma da Instrucção Publica estabeleceu relativamente a certas disciplinas dos nossos programmas, instituindo um nucleo de inspectores especializados para as dirigirem.

Hoje, são a musica e o canto a demonstrarem a importancia da remodelação do ensino publico; amanhã será a gymnastica e o escotismo; depois, o desenho e os trabalhos manuaes, pois todas essas disciplinas, obedecendo, como a musica, á orientação de outros tantos inspectores especiaes, em breve confirmarão a excellencia da lei que reformou o ensino em S. Paulo.

O programma, optimamente organizado, é todo composto de musicas de reputados autores brasileiros, adaptadas ás vozes infantis.

PROF. NICOLÃO TOLENTINO PIRATININGA JUNIOR

E' profundamente magoados que registramos a dolorosa noticia do prematuro fallecimento do professor Nicoláo Tolentino Piratininga Junior, occorrido no dia 24 do mez p. findo, nesta Capital.

Diplomado pela nossa Escola Normal, exerceu o magisterio em Santos, donde veiu para esta Capital, após um brilhante concurso feito.

A morte inexoravel veiu surprehendel-o ainda moço, exercendo com notavel proficiencia o cargo de auxiliar do 1.º Grupo Escolar do Braz.

Educador distincto, ornavam-lhe os mais bellos dotes, quer moraes, quer intellectuaes.

O magisterio paulista, a familia e a sociedade soffreram uma grande perda com a sua morte.

A' Ex.^{ma} Familia enlutada, sentidas e sinceras condolencias.

CIRCULAR

Eis a circular, expedida pelo inspector especial de exercicios physicos, Sr. Augusto Ribeiro de Carvalho, aos inspectores districtaes:

“Sr. Inspector Districtal.

Além das instrucções especiaes transmittidas aos Srs. auxiliares da Inspectoria especial de exercicios physicos, solicito o melhor dos vossos empenhos para que, nos dias de festa nacional, a começar pelo *Sete de Setembro*, seja desenvolvido, nos programmas organizados em seguida á sessão litteraria commemorativa da ephemeride a transcorrer, um pequeno *torneio de jógos e exercicios gymnasticos*, a titulo de propaganda, para demonstrar o progresso havido nas aulas e incitar a cultura physica do povo.

Sabe o collega que, nas aulas de cultura physica, não se tem mais em vista crear no organismo a *realiza do musculo*. O

seu fim capital é a *conquista da saúde*, que é a manifestação exterior do equilibrio da vida; a saúde consiste no equilibrio perfeito das grandes funcções vitaes, e o exercicio tem por fim manter esse equilibrio. É preciso lutardes e insistirdes, para que os exercicios entrem em nossos habitos. Esta inspectoria conta, de antemão, com o vosso concurso dedicado e patriotico em prol da educação physica, a bem da fortaleza physica da nossa nacionalidade.

Attenciosas saudações.”





SECRETARIA DO INTERIOR

Varios despachos, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Secretario do Interior

AGOSTO — 1926:

D. CECILIA DE LOYOLLA BRANDÃO. — Archive-se, á vista do parecer da D. G. da Instrucção e da informação da Secção, que estão de accordo com a lei e com a próva existente no processo. Excluido o tempo em que a supplicante exerceu o magisterio como substituta effectiva e que a lei vigente manda não computar para nomeação de adjunta, não fica ella nas condições leaes para provimento futuro que pretende. Cumpre-lhe completar o tempo em escola rural ou isolada urbana, mediante concurso na época legal, afim de conquistar os requisitos para a nomeação pela qual se empenha. E' de assignalar, préviamente, que ter os requisitos leaes para o exercicio dum cargo não é ter direito á nomeação respectiva, a que corresponde obrigação de nomeal-a, por parte do Estado.

RAYMUNDO PASTOR.— A exposição constante do novó requerimento do supplicante, corroborada por attestado medico de pharmaceutico, visto não haver medico em a localidade, e pela informação da respectiva autoridade escolar, faz certo que o supplicante teve em os dias e horas indicados no requerimento — accesso de febre palustre, um dos quaes em plena aula. Em tal situação, não podia continuar em exercicio, nem esperar pela concessão de licença para retirar-se da localidade em busca de

recursos medicos para seu tratamento. Esse conjunto de factos e circumstancias corresponde ás exigencias legaes relativas ao inicio declarado, pelo que defiro o requerimento. (Junte a portaria de licença para a devida apostilla.)

D. AUREA NOVAES DE CARVALHO. — Dos termos do documento apresentado verifica-se que a supplicante, em razão de molestia na vista, estava em situação equivalente á de estar de cama. A' vista disso, defiro o requerimento. (Junte a portaria para sêr apostillada.)

BRAULIO DE CAMARGO MORAES. — O supplicante não tem poderes para pedir exoneração em nome de sua filha, que incorreu na pena da perda do cargo por abandono. E para evitar as consequencias legaes desta, deverá o supplicante juntar procuração, dentro do prazo indispensavel para conseguil-o.

D. MARIA ROSA CARVALHO. — O provimento das escolas ruraes, por professores interinos, de que trata o art. 42 da lei n.º 2.095, de 24 de dezembro do anno passado, será feito por meio de editaes chamando os concorrentes a prestarem exames e, exclusivamente, para aquellas que forem bastante afastadas dos centros populosos e que, nos concursos annuaes, não sejam requeridas por normalistas, devendo, portanto, a requerente aguardar a occasião opportuna.

D. MARIA ZULIAN DIAS. — Sim, á vista do laudo, menos quanto ao inicio declarado, attenta a informação da respectiva autoridade escolar, sendo arbitraria e infundada a affirmação do laudo quanto ao mencionado inicio, porquanto na data em

que foi realizada a inspecção não podiam os peritos — pelo simples exame — verificar o dia em que começou a molestia, e que a supplicante esteve de cama.

D. ANNA IDALINA VIEIRA. — A supplicante incorreu nas penas do art. 16 do decreto n. 3.205, de 1920, segundo informa a respectiva autoridade escolar. Ha, entretanto, formal divergencia entre essa informação e o requerimento de fls. 1, no tocante á data em que se deu o afastamento, pois a autoridade escolar declara que foi a 6 e a supplicante, que foi a 26 de julho, pelo que dever-se-á providenciar no sentido da reférida autoridade se pronunciar em definitivo quanto á inspecção, á vista do attestado e das informações, e que deverá ser feita em Botucatú, por intermedio do Serviço Sanitario, e com urgencia.

D. ADILLA DE ABREU. — A' vista das informações, deve sêr pago á requerente durante o periodo de 14 de março a 15 de maio p. passado, tempo em que esperou a sua disponibilidade, o mesmo que percebeu durante a ultima licença. (Prov.)

D. DIVA DE CASTRO PRADO. — Indeferido, de accordo com a informação supra; o attestado medico offerecido não declarava a supplicante doente de cama.

D. OLGA VIEIRA DOS SANTOS RAMOS. — A supplicante, ao tempo em que fez o requerimento de fls. 1, 1.º de julho, não tinha direito aos dois mezes de licença, nos termos do art. 25 da lei n.º 1.521, de 1916, que então pediu, pois, segundo está expresso

nesse dispositivo — o prazo de dois mezes é a contar do ultimo mez de gestação, e nos termos da informação de fls. 4, extrahida do registo da Maternidade desta capital, a supplicante teve o seu parto a 16 de junho ultimo. Si o director do grupo em que a supplicante exerce o magisterio houvesse, como lhe cumpria — em observancia de lei clara, como é o art. 17, paragrapho 2.º, do decreto n.º 3.205, de 1920, e bem assim do despacho de fls. 1 — verificado o facto allegado e informasse de sciencia propria, ter-se-ia evitado concessão de licença com fundamento em attestado que não exprime a realidade.

E' injustificavel que o facultativo que, a 16 de junho fez o parto em questão, e lançou na papeleta as indicações constantes do livro respectivo, transcrito na informação de fls. 4, attestasse a 1.º de julho, que a parturiente de então estava no nono mez de gravidez. Com semelhante procedimento, a autoridade escolar e o medico assistente concorreram para augmentar os encargos do Thesouro, injustificadamente, illegalmente.

Pelos fundamentos expostos, reformo os despachos de fls. 3 e v., para conceder, como de facto concedo á supplicante, um mez de licença a contar do parto, isto é, de 16 de junho p. passado.

D. MARIA CARVALHO DE OLIVEIRA. — A allegação de ignorancia da lei, allegada pela autoridade escolar a favor da supplicante, não lhe póde aproveitar, tanto mais que o dispositivo regulamentar da materia não é recente, como diz a mesma autoridade, mas uma simples reprodução da lei n. 1.521, de 1916. — Concedo, pois, a licença sem o inicio pedido, pois que a licença foi requerida com violação da lei expressa.

D. ANTONIA DE AZEVEDO. — Providencie sobre a inspecção no local em que se acha a supplicante. Cumpre observar á autoridade escolar que firmou a informação de fls., que o facto de

estar de cama ou impossibilitada de viajar deve sêr verificado pessoalmente e não se louvando em attestado.

D. MARIA AMELIA VIEIRA. — A informação de fls. 1, v., do respectivo inspector-escolar não supprime as exigencias legais, por isso que a lei exige que a circumstancia de estar de cama ao tempo em que requereu a licença, *seja expressamente* referida no attestado e na declaração da autoridade escolar. Ora, as autoridades que informaram a fls. 1, v., nem mesmo visitaram a supplicante, e o attestado medico omitta aquella circumstancia que nelle devia figurar expressamente. Concedo, pois, a licença sem inicio pedido.

D. ZELIA DE QUEIROZ RIBEIRO. — Pede dispensa de acompanhar a classe ao recreio. — A' vista das informações, não é attendivel o presente pedido de dispensa de actos que competem aos professores, de accordo com a lei em vigor. — O deferimento deste pedido traria necessariamente a indisciplina e desordem ao estabelecimento em que a requerente trabalha.

PLINIO BITTENCOURT. — Não ha conveniencia para o ensino em sêr attendido o presente pedido de nomeação, por estarem em exercicio no grupo cinco adjuntos homens.

D. ANNA FRAGOSO. — Pede a supplicante, além dos dois mezes de licença, que lhe foram concedidos, em virtude do laudo de inspecção de fls. 12, mais oito mezes, para tratamento de sua saúde, sem vencimentos. — Não pôde sêr attendida. A supplicante só pôde, de accordo com a lei, obter licença para trata-

mento de saúde, mediante inspecção. Ora, o laudo da inspecção a que foi submettida a 26 de julho ultimo, conclue que é de dois mezes o prazo para a sua cura, e esse é o tempo de licença. Si não fôr sufficiente, a supplicante terá que renovar a inspecção, dentro do prazo legal. A não sêr para tratamento de saúde, a licença se converte em concessão para tratar de interesse privado, que é contrario á lei e aos interesses do ensino, como tem sido decidido uniformemente por esta Secretaria.

D. MARIA JOSÉ NEVES. — Não foram preenchidos os requisitos legais para o inicio pedido. Em 3 de agosto a supplicante mandou ao director do grupo em que trabalha a comunicação de fls. 2, de que por estar doente e muito nervosa, seguia para Jaboticabal e conforme opinião do seu medico, voltaria ou pediria licença; a 4 do mesmo mez apresentou o requerimento de fls. 2, instruido com attestado medico de Dourado, verificando a autoridade que nesse dia estava de cama, mas tendo partido no dia 6 para Jaboticabal. Verifica-se, pois, que a 2 do corrente não estava de cama e que, muito embora encontrada de cama a 4, não tinha molestia que reclamasse ficar acamada, tanto que a 6 partiu para Jaboticabal. A' vista dos factos assim provados, não pôde obter licença com inicio declarado ou pedido, e para a licença nos termos communs, deverá sêr submettida a inspecção medica nesta capital, com urgencia.



INDICE

A "REVISTA ESCOLAR"	1
QUESTÕES GERAES:	
As características de educação contemporanea	4
Os orpheões escolares	10
O repouso dominical	12
LIÇÕES PRATICAS:	
Arithmetica	14
Linguagem	16
Geographia	18
Educação cívica	22
Geometria	23
Historia do Brasil	27
EDUCAÇÃO PHYSICA:	
Jógos escolares	29
PEDOLOGIA:	
A evolução psychica da criança	35
LIÇÕES DE COISAS:	
O cinematographo	38
Locomotivas	40
As trombas	42
O pharol	44
Machinas de coser	47
Miragem	48
RESENHA PEDAGOGICA:	
"Tests"	50
A educação da rua	55
LITERATURA INFANTIL:	
O lenhador e a morte	57
Cantiga da chuva	60
Alguma de Chico!	61
Era uma vez	62

Entardecer	62
O carroceiro o burro e o cão	63
Scenarios do sul	65
Anchieta	66
O jardim da vovó	67
Lavrador	69
ESCOTISMO	69
MUSICA E CANTOS ESCOLARES:	
A escola	76
VULTOS E FACTOS:	
João Köpke	79
O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS:	
O canção e a raposa	82
A raposa e o homem	83
Sertaneja	84
Lenda das amazonas	84
NOTICIAS:	
Orpheão infantil	86
Professor Nicoláo Tolentino Piratininga Junior	87
Circular	87
SECRETARIA DO INTERIOR:	
Actos diversos	89



2984

LIBRARY
 INSTITUTO DE HISTÓRIA
 E GEOGRAFIA
 DE SÃO PAULO
 Rua do Estado, 100
 São Paulo, SP

REVISTA ESCOLAR

PUBLICAÇÃO MENSAL

Direcção e Redacção: LARGO DO AROUCHE, 62

S. PAULO

ASSIGNATURAS:

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Numero avulso	2\$000

Os pagamentos são feitos adeantadamente.

Toda e qualquer correspondencia, inclusive a que se referir a assignaturas, deve sêr endereçada, directamente, á Redacção.

TYPOGRAPHIA SIQUEIRA
Rua Libero Badaró, 48
S. PAULO